

“A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade” (*Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*): tradução anotada

Aline Montesine Fávaro*, Tiago Augusto Nápoli**, Ricardo da Cunha Lima***
aline.favaro@usp.br
tiago.napoli@usp.br
rcl@usp.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo traduzir e anotar o texto latino *Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis* (“A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade”), do séc. III d.C., que versa sobre parte das comunidades cristãs norte-africanas à época dos Severos, em especial sobre o martírio infligido às personagens que dão título à obra. Para tanto, é utilizada a edição crítica de Heffernan (2012), cotejada, quando necessário, com a versão grega do texto, como se encontra em Amat (1996).

Palavras-chave: *Passio Perpetuae*; Literatura cristã; Século III d.C.; *Africa Proconsularis*; Latim.

The Passion of Saint Perpetua and Saint Felicity (*Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*): An Annotated Translation

ABSTRACT: In this study, we present an annotated translation of the Third-century Latin text named *Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis* (“*The Passion of Saints Perpetua and Felicity*”), which deals with the Christian communities in North Africa under the Severan dynasty, more specifically, with the martyrdom inflicted on the two women named in the work’s title. To this purpose, the translation follows Heffernan’s critical edition (2012), collated, when necessary, with the Greek version of the text, as it appears in Amat (1996).

Keywords: *Passio Perpetuae*, Christian Literature, Third Century A.D., *Africa Proconsularis*, Latin.

Nota introdutória

Apresentada em parte como relato autobiográfico, a “Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade” (*Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*)¹, do séc. III d.C, suscitou

* Aline Montesine Fávaro é bacharel em Letras (Latim – Português), pela Universidade de São Paulo.

** Tiago Augusto Nápoli é doutorando em Letras Clássicas, pela Universidade de São Paulo.

*** Ricardo da Cunha Lima é Professor Doutor de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo.

¹ Doravante apenas *Passio*. Para a datação do texto, seguiu-se Heffernan (2012, p. 65-78), onde são propostos dois *termini* à obra, a saber, 7 de março de 203, suposta data da morte das respectivas mártires; e os anos de 206-209, hipótese baseada na primeira alusão ao martírio, feita por Tertuliano (c. 160 – c. 225), e na ascensão de Geta (189 – 211) ao poder.

ao longo dos séculos uma série de questionamentos acerca de seus aspectos literários², históricos³, teológicos⁴, dentre outros.

Nesta obra, Víbia Perpétua, uma jovem cristã da província romana da *Africa Proconsularis*, narra os principais eventos que culminariam em seu martírio.⁵ Fala-se ali de seu julgamento (VI), da relação mantida com seu pai (III, V, IX) e com a comunidade de fiéis que a cerca (III, VII, XVII), de suas visões (IV, VII-VIII, X), assim como da pena capital à qual se vê submetida no anfiteatro cartaginense (XVIII-XXI). De resto, dois outros núcleos narrativos compõem o escrito, ambos não menos importantes e atribuídos a autores diversos: no primeiro, depara-se com aquela que é conhecida como a visão de Sático, indispensável aos estudos da representação do Outro Mundo em princípios do cristianismo (LE GOFF, 1981, p. 76); no segundo, é proposta uma moldura ao escrito, em que se busca valorizar as experiências revelatórias contemporâneas⁶, frente àquelas do cânone escritural.

Neste sentido, afirma Gold (2018, p. 15):

Como nos chegou, o texto aparenta ter sido redigido por ao menos três diferentes mãos: um editor (1-2, 11.1, 14-21), Perpétua (3-10) e Sático (11.2-13). Ademais, o editor nos informa que os dois últimos escreveram de próprio punho suas seções (2.3, 11.1). No entanto, não é algo desconhecido ou incomum em escritos antigos que alguém escreva um texto sob o nome de outro indivíduo. [...] O consenso atual mais razoável é de que Perpétua teria ditado na prisão suas visões e pensamentos a um visitante, o qual reescreveu e modificou as seções autônomas da *Passio*, acrescentando uma narrativa-moldura e unindo as partes no todo de que dispomos hoje.⁷

² A título de exemplo, Ciccacese (1987), Gonzales (2013) e Perkins (2007).

³ O aproveitamento é extenso também neste domínio, compreendendo tópicos como a jurisprudência romana face às primeiras comunidades cristãs (DE STE. CROIX, 2006; JONES, 1968); os *munera*, enquanto espetáculo recreativo e punitivo (ROBERT, 1982); ou ainda, a própria cristandade, entendida como identidade coletiva, cujas práticas religiosas ora antagonizariam cultos locais – oficializados ou não – ora os assimilariam, dando-lhes nova significação (GOLD, 2018; CADOTTE, 2007).

⁴ Muito se falou, por exemplo, sobre a vertente escatológica da *Passio*. Para um cotejo entre as representações do Além nesta e em obras afins, vide Bremmer (2004) e Potthoff (2017, p. 7-49). No caso de Moss (2010), aborda-se ali o martírio – seu aspecto salvífico e socialmente relevante –, à luz da *imitatio Christi*.

⁵ Embora escassas as evidências tanto intra quanto extratextuais relativas a Perpétua, sua existência é tida como incontestada por alguns estudiosos: “That the martyrs did in reality exist has been proven by archaeological and epigraphical finds, [...]. Furthermore, the text of the *Passio Perpetuae* was known to Tertullian only a few years after the event itself, and was read out as part of the church liturgy on the martyrs’ feast day” (KITZLER, 2015, p. 23). No que tange às descobertas referidas, vide Kitzler (*ibid.*, p. 74-76). No entanto, cf. Gold (2018, p. 104-105) e Heffernan (2012).

⁶ O que teria permitido apontar um possível viés montanista da narrativa, em especial, haja vista sua influência no norte da África e, particularmente, na obra de Tertuliano. Vide n. 20.

⁷ “The text, as it has come down to us, seems to be written by at least three different hands: I will posit an editor (1-2, 11.1, 14-21), Perpetua (3-10), and Satorius (11.2-13). We are told by the editor that Perpetua and Satorius wrote their sections themselves, in their own hands (2.3, 11.1). It is not, however, unknown or unusual in ancient writings for someone to write a text under the name of another person, [...]. The most reasonable current consensus is that Perpetua dictated her visions and thoughts to a visitor in prison, who then rewrote and modified the separate sections of the *Passio*, added a framing narrative, and wove together the parts into the integrated whole we have today”.

A despeito de tais dificuldades, a obra acabaria por exercer um influxo duplo. Por um lado, passará a gozar direta ou indiretamente⁸ de prestígio não apenas junto às comunidades locais de modo geral, mas também a figuras como Tertuliano – outrora crido seu redator/editor –, Agostinho de Hipona (354 – 430) ou ainda Quodvultdeus († c. 453).⁹ Por outro, a mesma se transformaria numa espécie de modelo a *passiones* posteriores, entre elas, a *Passio Mariani et Iacobi* (séc. III) e a *Passio Montani et Lucii* (*ibid.*), ambas ecoando parte de sua dicção e temática.¹⁰

Enfim, no que tange ao leitor moderno, a *Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis* tampouco deixará de produzir um efeito similar. Tomadas de empréstimo as ponderações de Farrell (2012, p. 320), a impressão que a obra causa é indelével, não obstante as tentativas de circunscrevê-la sob categorias aquém de sua complexidade. “É exatamente essa impressão” – complementa o autor – “que faz da *Passio* um texto que mereça ser lido o mais amplamente possível, decerto por classicistas e medievalistas, mas também por estudantes de religião e de estudos da mulher, além de acadêmicos de outras disciplinas”.¹¹

Sobre a tradução

A tradução ora proposta baseia-se na edição crítica latina de Heffernan (2012), cotejada, quando se julgou necessário, com a versão grega¹² do relato fornecida por Amat (1996). No que tange às notas explicativas que a acompanham, três obras de referência se mostraram imprescindíveis ao longo dos trabalhos, a saber, Formisano (2008) e os já mencionados estudos de Heffernan e Amat. Quanto às citações bíblicas observáveis na *Passio*, utilizou-se como referência a edição sinóptica de Sabatier (1743-1751), em que se colocam lado a lado os textos da *Vetus Latina*, base das citações aqui contidas, e aquele da *Vulgata*. Neste âmbito, sempre que não houve maiores discrepâncias entre as diferentes versões bíblicas, empregou-se como ponto de partida a tradução de Figueiredo (1867), em cotejo com Almeida (2009 [1898]; 2017 [1959]). Nos demais casos, os tradutores optaram por apresentar traduções de sua lavra. Ao cabo, como critério para a tradução dos nomes próprios, seguiram-se comumente as soluções listadas por Machado (2003), em seu *Dicionário Onomástico da Língua Portuguesa*.

No mais, os autores se guiaram por dois critérios tradutológicos: ao verter para o português o exórdio da obra, optou-se pela manutenção parcial de seu registro, mais rebuscado que nos demais passos, de modo a não o descaracterizar;¹³ no que se refere ao restante do texto, privilegiou-se, por sua vez, a inteligibilidade, em detrimento de escolhas léxico-sintáticas que poderiam dificultá-la.¹⁴

⁸ E.g., com os *Acta* que levam o nome de Perpétua. Cf. Gold (2018, p. 143-147) e o supracitado estudo de Kitzler (2015).

⁹ Arrolam-se a seguir alguns passos em que a *Passio* ou seus partícipes são referidos: Tert. *An.* 55.4; Aug. *Serm.* CCLXXX-CCLXXXII; *Nat. et or.* 1.10.12; Quodvultdeus *De temp. barb.* I.V.2-9. Quase que em sua totalidade as abreviações do presente trabalho provêm de Hornblower & Spawforth (2012 [1949]), Blaise (1954) e Lampe (1961).

¹⁰ Vide Bremmer (2004), Heffernan (2012, p. 161 n. iii.6; p. 213 n. vii.1; p. 235 n. viii.3, etc...).

¹¹ “But it is just that impression which makes this a text that deserves to be as widely read as possible, certainly by classicists as well as medievalists, students of religion and of women’s studies, and scholars of other disciplines”.

¹² Outrora motivo de debate, há hoje certo consenso de que o idioma original da *Passio* seja o latim. Neste sentido, vide Duchesne (1891, p. 51) e Heffernan (2012, p. 60-61, n. 3).

¹³ Por exemplo, através do não desmembramento dos longos períodos (e.g. I.3, I.6 e, parcialmente, I.5) que o compõem.

¹⁴ No âmbito lexical, pela escolha de vocábulos ou expressões correntes em Língua Portuguesa, sempre indicadas as especificidades do original latino, via aparato crítico – vide notas 47, 93, 96, entre outras. Por

Três docentes foram determinantes para a realização deste trabalho. No caso dos dois primeiros, Prof. Marcelo Vieira Fernandes (FFLCH – USP) e Prof. Adriano Scatolin (FFLCH – USP), sua solicitude habitual e sugestões mostraram-se de enorme valia à tradução; quanto ao terceiro, Prof. Julio Cesar Magalhães de Oliveira (FFLCH – USP), o projeto que aqui se propõe nunca teria sido iniciado sem ele. A eles nossa profunda gratidão.

1. *Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*

I

1. *Si uetera fidei exempla, et Dei gratiam testificantia et aedificationem hominis operantia, propterea in litteris sunt digesta, ut lectione eorum quasi reparatione rerum et Deus honoretur et homo confortetur, cur non et noua documenta aequae utriusque causae conuenientia et digerantur?* 2. *Vel quia proinde et haec uetera futura quandoque sunt et necessaria posteris, si in praesenti suo tempore minori deputantur auctoritati, propter praesumptam uenerationem antiquitatis.* 3. *Sed uiderint qui unam uirtutem Spiritus unius Sancti pro aetatibus iudicent temporum, cum maiora reputanda sunt nouitiora quaeque, ut nouissimiora, secundum exuperationem gratiae in ultima saeculi spatia decretam.* 4. *In nouissimis enim diebus, dicit Dominus, effundam de Spiritu meo super omnem carnem, et prophetabunt filii filiaeque eorum; et super seruos et ancillas meas de meo Spiritu effundam; et iuuenes uisiones uidebunt, et senes somnia somniabunt.* 5. *Itaque et nos, qui sicut prophetias ita et uisiones nouas pariter repromissas et agnoscimus et honoramus, ceterasque uirtutes Spiritus Sancti ad instrumentum Ecclesiae deputamus (cui et missus est idem omnia donatiua administrans in omnibus, prout unicuique distribuit Dominus) necessario et digerimus [ea] et ad gloriam Dei lectione celebramus, ut ne qua aut imbecillitas aut desperatio fidei apud ueteres tantum aestimet gratiam diuinitatis conuersatam, siue [in] martyrum siue in reuelationum dignatione, cum semper Deus operetur quae repromisit, non credentibus in testimonium, credentibus in beneficium.* 6. *Et nos itaque quod audiuiimus et uidimus et contrectauimus, annuntiamus et uobis, fratres et filioli uti et uos qui interfuistis rememoremini gloriae Domini, et qui nunc cognoscitis per auditum communionem habeatis cum sanctis mart[y]ribus, et per illos cum Domino nostro Iesu Christo, cui est claritas et honor in saecula saeculorum. Amen.*

II

1. *Apprehensi sunt adolescentes catechumeni: Reuocatus et Felicitas, conserua eius, Saturninus et Secundulus; inter hos et Vibia Perpetua, honeste nata, liberaliter instituta, matronaliter nupta.* 2. *Habens patrem et matrem et fratres duos, alterum aequae catechumenum, et filium infantem ad ubera.* 3. *Erat autem ipsa circiter annorum uiginti duorum. Haec ordinem totum martyrii sui iam hinc ipsa narrauit, sicut conscriptum manu sua et suo sensu reliquit.*

III

1. *Cum adhuc, inquit, cum prosecutoribus essemus et me pater uerbis euertere cupiret et deicere pro sua affectione perseueraret: “Pater,” inquam “uides uerbi gratia uas hoc iacens, urceolum siue aliud?” Et dixit “uideo.”* 2. *Et ego dixi ei: “Numquid alio*

outro lado, no que tange ao aspecto sintático do texto, procurou-se preservar as muitas orações coordenadas existentes nele, ora as mantendo por meio de conjunções coordenativas (e.g. X.11), ora lançando mão de orações justapostas (e.g. VII.4).

nomine uocari potest quam quod est?” Et ait “non.” “Sic et ego aliud me dicere non possum nisi quod sum, Christiana.” 3. Tunc pater motus hoc uerbo mittit se in me, ut oculos mihi erueret, sed uexauit tantum, et profectus est uictus cum argumentis diaboli. 4. Tunc paucis diebus quod caruissem patrem Domino gratias egi et refrigerauit absentia illius. 5. In ipso spatio paucorum dierum baptizati sumus; et mihi Spiritus dictauit nihil aliud petendum ab aqua nisi sufferentiam carnis. Post paucos dies recipimur in carcerem: et expaui, quia numquam experta eram tales tenebras. 6. O diem asperum! [A]estus ualidus turbarum beneficio, concussur[a]e militum. Nouissime macerabar sollicitudine infantis ibi. 7. Tunc Tertius et Pomponius, benedicti diaconi qui nobis ministrabant, constituerunt praemio, uti paucis horis emissi in meliorem locum carceris refrigeraremus. 8. Tunc exeuntes de carcere uniuersi sibi uacabant: ego infantem lactabam iam inedia defectum; sollicita pro eo adloquebar matrem et confortabam fratrem, commendabam filium; tabescebam ideo quod illos tabescere uideram mei beneficio. 9. Tales sollicitudines multis diebus passa sum; et usurpauit ut mecum infans in carcere maneret; et statim conualui et releuata sum a labore et sollicitudine infantis, et factus est mihi carcer subito praetorium, ut ibi mallet esse quam alicubi.

IV

1. Tunc dixit mihi frater meus: “Domina soror, iam in magna dignatione es; tanta es ut postules uisionem et ostendatur tibi an passio sit an commeatus.” 2. Et ego quae me sciebam fabulari cum Domino, cuius beneficia tanta experta eram, fidenter repromisi ei dicens: “crastina die tibi renuntiabo.” Et postulauit, et ostensum est mihi hoc: 3. Video scalam aeream mirae longitudinis, pertingentem usque ad caelum, et angustam, per quam nonnisi singuli ascendere possent, et in lateribus scalae omne genus ferramentorum infixum. Erant ibi gladii, lanceae, [h]ami, macherae, uerruta, ut si quis neglegenter aut non sursum adtendens ascenderet, laniaretur et carnes eius inhaerent ferramentis. 4. Et erat sub ipsa scala draco cubans mirae magnitudinis, qui ascendentibus insidias praestabat et exterrebat ne ascenderent. 5. Ascendit autem Satorius prior, qui postea se propter nos ultro tradiderat (quia ipse nos aedificauerat), et tunc cum adducti sumus, praesens non fuerat. 6. Et peruenit in caput scalae, et conuertit se et dixit mihi: “Perpetua, sustineo te; sed uide ne te mordeat draco ille.” Et dixi ego: “Non me nocebit, in nomine Iesu Christi.” 7. Et desub ipsa scala, quasi timens me, lente eiecit caput; et quasi primum gradum calcarem, calcaui illi caput, et ascendi. 8. Et uidi spatium immensum horti et in medio sedentem hominem canum, in habitu pastoris, grandem, oues mulgentem; et circumstantes candidati milia multa. 9. Et leuauit caput et aspexit me et dixit mihi: “Bene uenisti, tagnon.” Et clamauit me et de caseo quod mulgebat dedit mihi quasi buccellam; et ego accepi iunctis manibus et manducaui; et uniuersi circumstantes dixerunt: “Amen.” 10. Et ad sonum uocis experta sum, commanducans adhuc dulce nescio quid. Et retuli statim fratri meo; et intelleximus passionem esse futuram, et coepimus nullam iam spem in saeculo habere.

V

1. Post paucos dies rumor cucurrit ut audiremur. Superuenit autem de ciuitate pater meus, consumptus taedio, et ascendit ad me, ut me deiceret, dicens: 2. “Miserere, filia, canis meis; miserere patri, si dignus sum a te pater uocari; si his te manibus ad hunc florem aetatis prouexi, si te praeposui omnibus fratribus tuis: ne me dederis in dedecus hominum. 3. Aspice fratres tuos, aspice matrem tuam et materteram, aspice filium tuum, qui post te uiuere non poterit. 4. Depone animos; ne uniuersos nos extermines: nemo enim nostrum libere loquetur, si tu aliquid passa fueris.” 5. Haec dicebat quasi pater

pro sua pietate, basians mihi manus, et se ad pedes meos iactans et lacrimans me iam non filiam nominabat, sed dominam. 6. Et ego dolebam casum patris mei, quod solus de passione mea gauisurus non esset de toto genere meo, et confortavi eum dicens: "Hoc fiet in illa catasta quod Deus uoluerit; scito enim nos non in nostra esse potestate futuros, sed in Dei." Et recessit a me contristatus.

VI

1. Alio die cum pranderemus, subito rapti sumus ut audiremur. Et peruenimus ad forum. Rumor statim per uicinas fori partes cucurrit, et factus est populus immensus. 2. Ascendimus in catastam. Interrogati ceteri confessi sunt. Ventum est ad me. Et apparuit pater ilico cum filio meo, et extraxit me de gradu, dicens: "Supplica; misere[re] infanti." 3. Et Hilarianus procurator, qui tunc loco proconsulis Minuci Timiniani defuncti ius gladii acceperat: "Parce," inquit, "canis patris tui, parce infantiae pueri. Fac sacrum pro salute imperatorum. 4. Et ego respondi: "Non faciam." Et Hilarianus: "Christianus es?" inquit. Et ego respondi: "Christiana sum." 5. Et cum staret pater ad me deiciendam, iussus est ab Hilariano proici, et uirga percussus est. Et doluit mihi casus patris mei, quasi ego fuissem percussa: sic dolui pro senecta eius misera. 6. Tunc nos uniuersos pronuntiat et damnat ad bestias; et hilares descendimus ad carcerem. 7. Tunc quia consueuerat a me infans mammas accipere et mecum in carcere manere, statim mitto ad patrem Pomponium diaconum, postulans infantem. 8. Sed pater dare noluit. Et quomodo Deus uoluit, neque ille amplius mammas desiderauit, neque mihi feruorem fecerunt, ne sollicitudine infantis et dolore mamarum macerarer.

VII

1. Post dies paucos, dum uniuersi oramus, subito media oratione profecta est mihi uox et nominauit Dinocraten. Et obstipui quod numquam mihi in mentem uenisset nisi tunc, et dolui commemorata casus eius. 2. Et cognoui me statim dignam esse et pro eo petere debere. Et coepi de ipso orationem facere multum et ingemescere ad Dominum. 3. Continuo ipsa nocte ostensum est mihi hoc: 4. Video Dinocratem exeuntem de loco tenebroso, ubi et conplures erant, aestuantem ualde et sitientem, sordido uultu et colore pallido; et uulnus in facie eius, quod cum moreretur habuit. 5. Hic Dinocrates fuerat frater meus carnalis, annorum septem, qui per infirmitatem facie cancerata male obiit, ita ut mors eius odio fuerit omnibus hominibus. 6. Pro hoc ergo orationem feceram; et inter me et illum grande erat diastema, ita ut uterque ad inuicem accedere non possemus. 7. Erat deinde in illo loco, ubi Dinocrates erat, piscina plena aqua, altiorem marginem habens quam erat statura pueri; et extendebat se Dinocrates quasi bibiturus. 8. Ego dolebam, quod et piscina illa aquam habebat, et tamen propter altitudinem marginis bibiturus non esset. 9. Et experta sum, et cognovui fratrem meum laborare; sed fidebam me profuturam labori eius. Et orabam pro eo omnibus diebus quousque transiui in carcerem castrensem; munere enim castrensi eramus pugnaturi: natale tunc Getae Caesaris. 10. Et feci pro illo orationem die et nocte gemens et lacrimans, ut mihi donaretur.

VIII

1. Die autem quo in neruo mansimus, ostensum est mihi hoc: uideo locum illum quem retro uideram, et Dinocraten mundo corpore, bene uestitum, refrigerantem; et ubi erat uulnus, uideo cicatricem; 2. et piscinam illam, quam retro uideram, summisso margine usque ad umbilicum pueri; et aquam de ea trahebat sine cessatione. 3. Et super margine fiala aurea plena aqua. Et accessit Dinocrates et de ea bibere coepit; quae

fiala non deficiebat. 4. Et satiatus, accesit de aqua ludere more infantium gaudens. Et experta sum. Tunc intellexi translatum eum esse de poena.

IX

1. *Deinde post dies paucos Pudens miles optio, praepositus carceris, qui nos magnificare coepit intellegens magnam uirtutem esse in nobis; qui multos ad nos admittebat ut et nos et illi inuicem refrigeraremus. 2. Ut autem proximauit dies muneris, intrauit ad me pater meus consumptus taedio, et coepit barbam suam euellere et in terram mittere et prosternere se in faciem, et inproperare annis suis et dicere tanta uerba quae mouerent uniuersam creaturam. 3. Ego dolebam pro infelici senecta eius.*

X

1. *Pridie quam pugnaremus, uideo in horomate hoc: uenisse Pomponium diaconum ad ostium carceris et pulsare uehementer. 2. Et exiui ad eum et aperui ei; qui erat uestitus discincta candida, habens multiplices galliculas. 3. Et dixit mihi: “Perpetua, te expectamus: ueni.” Et tenuit mihi manum, et coepimus ire per aspera loca et flexuosa. 4. Et uix tandem peruenimus anhelantes ad amphitheatrum, et induxit me in media arena, et dixit mihi: “Noli expauescere: hic sum tecum et conlaboro tecum. Et abiit. 5. Et aspicio populum ingentem adtonitum; et quia sciebam me ad bestias damnatam esse, mirabar quod non mitterentur mihi bestiae. 6. Et exiuit quidam contra me Egyptius foedus specie cum adiutoribus suis, pugnaturus mecum. Veniunt et ad me adolescentes decori, adiutores et fautores mei. 7. Et expoliata sum, et facta sum masculus, et coeperunt me fauisores mei oleo defricare, quomodo solent in agone; et illum contra Egyptium uideo in afa uolutantem. 8. Et exiuit uir quidam mirae magnitudinis, ut etiam excederet fastigium amphit[h]eatri, discinctatus, purpuram inter duos clauos per medium pectus habens, et galliculas multiformes ex auro et argento factas, et ferens uirgam quasi lanista, et ramum uiridem in quo erant mala aurea. 9. Et petiit silentium et dixit: ‘Hic Aegyptius, si hanc uicerit, occidet illam gladio; haec, si hunc uicerit, accipiet ramum istum.’ Et recessit. 10. Et accessimus ad inuicem et coepimus mittere pugnos; ille mihi pedes apprehendere uolebat, ego autem illi calcibus faciem caedebam. 11. Et sublata sum in aere, et coepi eum sic caedere quasi terram non calcans. At ubi uidi moram fieri, iunxi manus, ut digitos in digitos mitterem, et apprehendi illi caput, et cecidit in faciem, et calcaui illi caput. 12. Et coepit populus clamare et fautores mei psallere. Et accessi ad lanistam et accepi. 13. Et osculatus est me et dixit mihi: ‘Filia, pax tecum.’ Et coepi ire cum gloria ad portam Sanauuariam. 14. Et experta sum. Et intellexi me non ad bestias sed contra diabolum esse pugnaturam; sed sciebam mihi esse uictoria[m]. 15. Ho[c] usque in pridie muneris egi; ipsius autem muneris actum, si quis uoluerit, scribat.”*

XI

1. *Visio Saturi: Sed et Saturus benedictus hanc uisionem suam edidit, quam ipse conscripsit. 2. “Passi” inquit “eram, et exiuimus de carne, et coepimus ferri a quattuor angelis in orientem, quorum manus nos non tangebant. 3. Ibamus autem non supini sursum uersi, sed quasi mollem cliuum ascendentes. 4. Et liberat[i] primo mundo uidimus lucem immensam, et dixi Perpetuae (erat enim haec in latere meo): “Hoc est quod nobis Dominus promittebat: percepimus promissionem.” 5. Et dum gestamur ab ipsis quattuor angelis, factum est nobis spatium grande, quod tale fuit quasi uiridiarium, arbores habens rosae et omne genus flores. 6. Altitudo arborum erat in modum cipressi, quarum folia cadebant sine cessatione. 7. Ibi autem in uiridiario alii quattuor angeli fuerunt clariores ceteris: qui, ubi uiderunt nos, honorem nobis*

dederunt, et dixerunt ceteris angelis: "Ecce sunt, ecce sunt," cum admiratione. Et expauescentes quattuor illi angeli, qui gestabant nos, deposuerunt nos. 8. Et pedibus nostris transiuimus stadium uia lata. 9. Ibi inuenimus Iocundum et Saturninum et Artaxium, qui eadem persecutione uiui arserunt, et Quintum, qui et ipse martyr in carcere exierat. Et quaerebamus de illis, ubi essent ceteri. 10. Angeli dixerunt nobis: "Venite prius, introite, et salutate Dominum."

XII

1. Et uenimus prope locum, cuius loci parietes tales erant quasi de luce aedificati; et ante ostium loci illius angeli quattuor stabant, qui introeuntes uestierunt stolas candidas. 2. Et introiuimus, et audiuimus uocem unitam dicentem: "Agius, agios, agios," sine cessatione. 3. Et uidimus in eodem loco sedentem quasi hominem canum, niueos habentem capillos et uultu iuuenili, cuius pedes non uidimus. 4. Et in dextera et in sinistra seniores quattuor, et post illos ceteri seniores conplures stabant. 5. Et introeuntes cum admiratione stetimus ante thronum, et quattuor angeli subleuauerunt nos, et osculati sumus illum, et de manu sua traiecit nobis in faciem. 6. Et ceteri seniores dixerunt nobis: "Stemus"; et stetimus et pacem fecimus. Et dixerunt nobis seniores: "Ite et ludite." 7. Et dixi Perpetuae: "Habes quod uis." Et dixit mihi: "Deo gratias, ut, quomodo in carne hilaris fui, hilarior sim et hic modo."

XIII

1. Et exiuimus et uidimus ante fores Optatum episcopum ad dexteram et Aspasium presbyterum doctorem ad sinistram, separatos et tristes. 2. Et miserunt se ad pedes nobis, et dixerunt: "Componite inter nos, quia existis, et sic nos reliquistis." 3. Et diximus illis: "Non tu es papa noster, et tu presbyter? Ut uos ad pedes nobis mittatis?" Et moti sumus et complexi illos sumus. 4. Et coepit Perpetua Graece cum illis loqui, et segregauimus eos in uiridarium sub arbore rosae. 5. Et dum loquimur cum eis, dixerunt illis angeli: "Sinite illos refrigerent; et si quas habetis inter uos dissensiones, dimittite uobis inuicem." 6. Et conturbauerunt eos, et dixerunt Optato: "Corrige plebem tuam, quia sic ad te conueniunt quasi de circo redeuntes et de factionibus certantes." 7. Et sic nobis uisum est quasi uellent claudere portas. 8. Et coepimus illic multos fratres cognoscere, sed et martiras. Uniuersi odore inerrabili alebamus, qui nos satiabat. Tunc gaudens expertus sum.

XIV

1. Hae uisiones insigniores ipsorum martirum beatissimorum Saturi et Perpetuae, quas ipsi conscripserunt. 2. Secundulum uero Deus maturiore exitu de saeculo adhuc in carcere euocauit, non sine gratia, ut bestias lucraretur. 3. Gladium tamen etsi non anima, certe caro eius agnouit.

XV

1. Circa Felicitatem uero, et illi gratia Domini eiusmodi contigit: 2. Cum octo iam mensium uentrem haberet (nam pregnans fuerat adprehensa), instante spectaculi die in magno erat luctu, ne propter uentrem differretur (quia non licet pregnantes poenae repraesentari) et ne inter alios postea sceleratos sanctum et innocentem sanguinem funderet. 3. Sed et conmartires grauiter contristabantur, ne tam bonam sociam quasi comitem solam in uia eiusdem spei relinquerent. 4. Coniuncto itaque unito gemitu ad Dominum orationem fuderunt ante tertium diem muneris. 5. Statim post orationem dolores eam inuaserunt. Et cum pro naturali difficultate octauis mensis in partu laborans doleret, ait illi quidam ex ministris cataractariorum: "Quae sic modo doles, quid facies

obiecta bestiis, quas contempsisti cum sacrificare noluisti?” 6. Et illa respondit: “Modo ego patior quod patior; illic autem alius erit in me qui patietur pro me, quia et ego pro illo passura sum.” 7. Ita enixa est puellam, quam sibi quaedam soror in filiam educauit.

XVI

1. *Quoniam ergo permisit et permittendo uoluit Spiritus Sanctus ordinem ipsius muneris conscribi, etsi indigni ad supplementum tantae gloriae describendae, tamen quasi mandatum sanctissimae Perpetuae, immo fideicommissum eius exequimur, unum adicientes documentum de ipsius constantia et animi sublimitate. 2. Cum tribunus castigatius eos castigaret, quia ex admonitionibus hominum uanissimorum uerebatur ne subtraherentur de carcere incantationibus aliquibus magicis, in faciem ei Perpetua respondit: 3. “Quid utique non permittis nobis refrigerare noxiis nobilissimis, Caesaris scilicet, et natali eiusdem pugnaturis? Aut non tua gloria est, si pinguiores illo producamur?” 4. Horruit et erubuit tribunus; et ita iussit illos humanius haberi, ut fratribus eius et ceteris facultas fieret introeundi et refrigerandi cum eis, iam et ipso optione carceris credente.*

XVII

1. *Pridie quoque cum illam cenam ultimam, quam liberam uocant — quantum in ipsis erat, non cenam liberam sed agapem —, cenarent, eadem constantia ad populum uerba iactabant, comminantes iudicium Dei, contestantes passionis suae felicitatem, inridentes concurrentium curiositatem, dicente Saturo: 2. “Crastinus dies satis uobis non est? Quid libenter uidetis quod odistis? Hodie amici, cras inimici. Notate tamen uobis facies nostras diligenter, ut recognoscatis nos in illo die. 3. Ita omnes inde adtoniti discedebant, ex quibus multi crediderunt.*

XVIII

1. *Illuxit dies uictoriae illorum, et processerunt de carcere in amphitheatrum, quasi in caelum, hilares, uultu decori, si forte gaudio pauentes non timore. 2. Sequebatur Perpetua lucido uultu et placido incessu, ut matrona Christi, ut Dei delicata, uigore oculorum deiciens omnium conspectum. 3. Item Felicitas, saluam se peperisse gaudens ut ad bestias pugnaret, a sanguine ad sanguinem, ab obstetrice ad retiarium, lotura post partum baptismo secundo. 4. Et cum ducti essent in portam et cogerentur habitum induere, uiri quidem sacerdotum Saturni, feminae uero sacratarum Cereri, generosa illa in finem usque constantia repugnauit. 5. Dicebat enim: “Ideo ad hoc sponte peruenimus, ne libertas nostra obduceretur; ideo animam nostram addiximus, ne tale aliquid faceremus; hoc uobiscum pacti sumus.” 6. Agnouit iniustitia iustitiam: concessit tribunus, quomodo erant, simpliciter inducerentur. 7. Perpetua psallebat, caput iam Aegyptii calcans; Reuocatus et Saturninus et Saturus populo spectanti comminabantur. 8. Dehinc ut sub conspectu Hilariani peruenerunt, gestu et nutu coeperunt Hilariano dicere: “tu nos,” inquit, “te autem Deus.” 9. Ad hoc populus exasperatus flagellis eos uexari per ordinem uenatorum postulauit; et utique gratulati sunt quod aliquid et de dominicis passionibus essent consecuti.*

XIX

1. *Sed qui dixerat: “Petite et accipietis,” petentibus dederat eum exitum quem quis desiderauerat. 2. Nam si quando inter se de martyrii sui uoto sermocinabantur, Saturninus quidem omnibus bestiis uelle se obici profitebatur, ut scilicet glorio[s]iorem gestaret coronam. 3. Itaque in commissione spectaculi ipse et Reuocatus leopardum experti etiam super pulpitem ab urso uexati sunt. 4. Saturus autem nihil magis quam*

ursum abominabatur; sed uno morsu leopardi confici se iam praesumebat. 5. Itaque cum apro subministraretur, uenator potius qui illum apro subligauerat, subfossus ab eadem bestia post dies muneris obiit; Saturus solummodo tractus est. 6. Et cum ad ursum substrictus esset in ponte, ursus de cauea prodire noluit. Itaque secundo Saturus inlaesus reuocatur.

XX

1. Puellis autem ferocissimam uaccam, ideoque praeter consuetudinem comparatam, diabolus praeparauit, sexui earum etiam de bestia [a]emulatus. 2. Itaque dispoliata[e] et reticulis indutae producebantur. Horruit populus alteram respiciens puellam delicatam, alteram a partu recentem stillantibus mammis. 3. Ita reuocatae et discinctis indutae. Prior Perpetua iactata est, et concidit in lumbos. 4. Et ubi sedit, tunicam a latere discissam ad uelamentum femoris reduxit, pudoris potius memor quam doloris. 5. Dehinc, [acu] requisita, et dispersos capillos infibulauit; non enim decebat martyram sparsis capillis pati, ne in sua gloria plangere uideretur. 6. Ita surrexit, et elisam Felicitatem cum uidisset, accessit et manum ei tradidit et suscitauit illam. 7. Et ambae pariter steterunt. Et populi duritia deuicta, reuocatae sunt in portam Sanauuariam. 8. Illic Perpetua a quodam tunc cathecum[e]no, Rustico nomine, qui ei adh[a]erebat, suscepta et quasi a somno expergita (adeo in spiritu et in extasi fuerat) circumspicere coepit, et stupentibus omnibus ait: “Quando,” inquit, “producimur ad uaccam illam nescio [quam]?” 9. Et cum audisset quod iam euenerat, non prius credidit nisi quasdam notas uexationis in corpore et habitu suo recognouisset. 10. Exinde accersitum fratrem suum, et illum cathecum[e]num, adlocuta est dicens: “In fide state et inuicem omnes diligite, et passionibus nostris ne scandalizemini.”

XXI

1. Item Saturus in alia porta [Pudentem] militem exhortabatur dicens: “Ad summam,” inquit, “certe, sicut presumpsi et predixi, nullam usque adhuc bestiam sensi. Et nunc de toto corde credas; ecce prodeo illo, et ab uno morsu leopardi consumor.” 2. Et statim in fine spectaculi leopardo eiecto de uno morsu tanto perfusus est sanguine, ut populus reuertenti illi secundi baptismatis testimonium reclamauerit: “Saluum lotum, saluum lotum.” 3. Plane utique saluus erat qui hoc modo lauerat. 4. Tunc Pudenti militi inquit: “Vale,” inquit, “et memento fidei et mei; et haec te non conturbent, sed confirment.” 5. Simulque ansulam de digito eius petiit, et uulneri suo mersam reddidit ei hereditatem, pignus relinquens illi et memoriam sanguinis. 6. Exinde iam exanimis prosternitur cum ceteris ad iugulationem solito loco. 7. Et cum populus illos in medio postularet, ut gladio penetranti in eorum corpore oculos suos comites homicidii adiungerent, ultro surrexerunt et se quo uolebat populus transtulerunt, ante iam osculati inuicem ut martyrium per sollempnia pacis consummarent. 8. Ceteri quidem immobiles et cum silentio ferrum receperunt: multo magis Saturus, qui et prior scalam ascenderat, prior reddidit spiritum; nam et Perpetuam sustinebat. 9. Perpetua autem, ut aliquid doloris gustaret, inter ossa conpuncta exululauit, et errantem dexteram tirunculi gladiatoris ipsa in iugulum suum transtulit. 10. Fortasse tanta femina aliter non potuisset occidi, quae ab immundo spiritu timebatur, nisi ipsa uoluisset.

11. O fortissimi ac beatissimi martyres! O uere uocati, et electi in gloriam Domini nostri Iesu Christi! Quam qui magnificat et honorificat et adorat, utique et haec non minora ueteribus exempla in aedificationem Ecclesiae legere debet, ut nouae quoque uirtutes unum et eundem semper Spiritum Sanctum usque adhuc operari testificentur, [et] omnipotentem Deum patrem et filium eius Iesum Christum Dominum nostrum, cui est claritas et inmensa potestas in saecula saeculorum. Amen.

2. A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade

I

1. Se os antigos exemplos da fé¹⁵, que atestam a graça de Deus e levam à edificação do homem, foram postos por escrito, para que sua leitura, como que evocando¹⁶ o passado, honrasse a Deus e reconfortasse o homem, por que não registrar novos testemunhos, igualmente adequados a ambos os fins? 2. Ora, tais exemplos serão um dia eles mesmos antigos e úteis aos que virão, embora sejam reputados hoje como de menor autoridade por uma pressuposta veneração ao passado. 3. Ademais, pouco importam¹⁷ aqueles que julgam segundo as épocas o poder unívoco do também unívoco Espírito Santo¹⁸, quando em verdade os testemunhos mais recentes, por serem os últimos, devem ser tidos como de maior importância, conforme a profusão da graça fixada para o fim dos tempos. 4. Com efeito, diz o Senhor: “Nos últimos dias, derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne; seus filhos e filhas farão profecias; derramarei do Meu Espírito sobre meus servos e servas; os jovens terão visões; e os velhos, sonhos”¹⁹. 5. Destarte, também nós, que reconhecemos e honramos as novas profecias e visões²⁰ que nos foram igualmente prometidas, aplicamos os demais poderes do Espírito Santo para a instrução da comunidade eclesíastica, à qual o mesmo Espírito foi enviado para repartir todas as suas graças entre todos, segundo o Senhor as distribui a cada um. Outrossim, somos compelidos, para a glória de Deus, a registrar [tais exemplos] e os celebrar por meio da leitura, a fim de que a tibieza ou desesperança na fé não suponha que a graça divina – seja pela dádiva do martírio ou pela das revelações – tenha sido reservada apenas aos mais antigos, pois Deus sempre cumpre o que prometeu, fornecendo testemunhos aos descrentes e benesses aos fiéis. 6. E assim, aquilo que ouvimos, vimos e tocamos, anunciamos a vocês, irmãos e filhos, para que os que estavam presentes se recordem da glória de Deus; e para que aqueles que ouvirem agora esse testemunho comuniquem com os santos mártires e, através deles, com o Nosso Senhor Jesus Cristo, glorioso e honrado pelos séculos dos séculos. Amém.

¹⁵ *I. e.* aqueles bíblicos em contraposição, por exemplo, à *Passio*. No tocante aos primeiros, *vide* Gn 18.1-5; Nm 12.5-6; Is 66; Dn 7; At 7.55-56; Ap 1.9-19.

¹⁶ Seguiu-se aqui a lição *repensatione*, de Ruinart (1689, p. 85), em detrimento de *repensatione*, como consta de Heffernan (2012, p. 104).

¹⁷ *uiderint*. Sobre o uso da expressão – especialmente em Tertuliano –, *vide* Amat (1996, p. 189) e Waszink & Van Winden (1987, p. 143).

¹⁸ *qui unam uirtutem Spiritus unius Sancti pro aetatibus iudicent temporum*. A leitura adotada é análoga à de Heffernan (2012, p. 125) e Amat (1996, p. 101). Não é a única, no entanto. Para outra, *cf.* Formisano (2008, p. 79).

¹⁹ At 2.17; Jl 2.28.

²⁰ A passagem seria vista por alguns como concernente à Nova Profecia, movimento cristão surgido na metade do século II na Ásia Menor, cuja ênfase recaía sobre a centralidade das experiências proféticas vivenciadas por parte de seus adeptos: “The New Prophecy believed in the outpouring of the Spirit and the appearance of a new, authoritative prophecy which brought fresh disciplinary demands to the churches. Women were prominent as leaders and the Prophets clashed with catholic representatives on matters such as the nature of prophecy, the exercise of authority, the interpretation of Christian writings and the significance of the phenomenon for salvation-history. The New Prophecy – later Montanism [*i.e.* a partir de um de seus líderes, Montano] – spread and diversified, despite some catholic success in countering it” (TREVETT, 2002, p. 3). Os ecos montanistas do preâmbulo – ou ainda em toda a *Passio*, de acordo com autores como Trevett (*ibid.*) – concorreriam para sua atribuição a Tertuliano, seu mais célebre representante e uma das principais fontes históricas do movimento.

II

1. Alguns jovens catecúmenos²¹ foram presos: Revocato e Felicidade²², sua companheira de servidão²³, Saturnino e Secúndulo²⁴. Entre eles, também estava Víbia Perpétua, mulher de origem nobre, educação privilegiada²⁵ e honrosamente casada²⁶, 2. que tinha pai, mãe e dois irmãos – um deles também catecúmeno –, além de um bebê ainda em fase de amamentação.²⁷ 3. Víbia tinha cerca de vinte e dois anos de idade. A partir daqui, ela mesma narrou, de próprio punho e conforme sua opinião, todos os eventos de seu martírio.

III

1. Eis o seu relato: Quando ainda estávamos sob vigilância²⁸ e meu pai desejava com suas palavras que eu abandonasse minha fé, insistindo para que a renegasse em nome de sua afeição, eu lhe perguntei: “Pai, você está vendo, por exemplo, este vaso que está aqui, um pequeno jarro ou o que quer que seja?”. E ele respondeu: “Vejo”. 2. Então eu lhe disse: “Pode ele ser chamado por um nome diverso do que é?”. E ele falou: “Não”. “Logo, também não posso afirmar ser senão aquilo que sou, uma cristã”. 3. Então meu pai, irritado com tais palavras, lançou-se contra mim, para me arrancar os olhos. No entanto, conseguiu apenas me afligir e acabou partindo, derrotado junto aos argumentos do Diabo. 4. Nos poucos dias em que fiquei livre dele, dei graças ao Senhor e me recuperei com sua ausência. 5. Nesse ínterim, fomos batizados²⁹, e o Espírito Santo recomendou-me que não buscasse na água [baptismal]³⁰ nada, exceto suportar o

²¹ *catechumeni* (gr. κατηχοούμενοι, part. de κατηχεῖν, “ensinar”). Sc. os fiéis que, por meio da instrução religiosa, preparam-se para receber o batismo. Cf. Isid. *Etym.* VII.14.7.

²² *Reuocatus et Felicitas*. Nada se sabe a respeito das personagens, exceto sua possível condição de escravos (*vide* nota abaixo).

²³ *conserua*. O vocábulo pode indicar tanto um companheiro de escravidão, quanto indivíduos associados no serviço de Deus. Para diferentes entendimentos sobre o termo, bem como sua acepção no léxico cristão, cf. Heffernan (2012, p. 19-20; 149), Gold (2018, p. 166) e Blaise (1954, s.v. conseruus) respectivamente.

²⁴ Assim como no caso de Revocato e Felicidade, não se tem notícia sobre as personagens.

²⁵ *honeste nata, liberaliter instructa*, isto é, indícios do estrato social a que pertenceria Perpétua. Todavia, cf. Cooper (2011, p. 688-689).

²⁶ Diferentemente do que ocorre nos *Acta*, o marido de Perpétua não figura entre as personagens da *Passio*.

²⁷ Ainda que inconclusiva, Perkins (2007, p. 323) lança a hipótese de que os atributos maternos de Perpétua e Felicidade descritos na narrativa devam ser analisados não como pormenores historicamente fidedignos, mas enquanto construções, cujo objetivo seja valorizar a corporeidade de ambas, sobretudo, face à natureza humana de Cristo: “The *Passion*, like the works [e.g. *Aduersus Marcionem*] of Tertullian, affirms the material body even in its most flagrant animal manifestations – giving birth and nursing. The descriptions of Perpetua and Felicitas are indeed so pertinent to the discussions around the body during this period as to intimate that rhetoric rather than historical veracity may underlie the emphasis on nursing and birth in their depictions”.

²⁸ Literalmente, na companhia dos *prosecutores*, isto é, os oficiais encarregados de segui-los.

²⁹ *baptizati sumus* (gr. βαπτίσθημεν). Embora o Novo Testamento não ofereça uma descrição detalhada da liturgia que acompanhava o batismo, podemos encontrá-la em autores como Tertuliano (e.g. *De Corona*) e Hipólito (*Traditio Apostolica*, originalmente em grego). De acordo com o primeiro: “No mesmo local, quando estamos prestes a entrar na água, declaramos renunciar o Diabo, sua pompa e anjos, na presença da congregação e sob a mão do superior. Em seguida, somos imersos três vezes [...]” ([...] *aquam adituri, ibidem, sed et aliquanto prius in Ecclesia sub antistitis manu contestamur nos renuntiare diabolo, et pompae, et angelis ejus: dehinc ter mergitatur [...]*) (*De Cor.* 3). Devidamente purificado, o fiel estaria então apto a ingressar na comunidade. Cf. *De Baptismo* IV-VIII.

³⁰ O qualificador é explicitado na versão grega do texto: ἀπὸ τοῦ ὕδατος τοῦ βαπτίσματος. (3.5). Os grifos são nossos.

sofrimento corpóreo³¹. Poucos dias depois, fomos levados às masmorras. Fiquei aterrorizada, porque nunca conhecera tais trevas. 6. Oh, dia duro! O calor era sufocante devido à aglomeração; os soldados nos extorquiam. De resto, torturava-me a preocupação com meu bebê naquele lugar. 7. Então Tércio e Pompônio, os abençoados diáconos³² que cuidavam de nós, conseguiram, graças a um suborno, que fôssemos levados, por algumas poucas horas, a um local melhor da prisão, para nos recuperarmos. 8. Ao sair da masmorra, enquanto todos se dedicavam a seus próprios afazeres, eu amamentava meu bebê, já fraco pela fome; preocupada com ele, falava com minha mãe e confortava meu irmão, confiando-lhes a criança; consumia-me de tristeza vê-los do mesmo modo por minha causa. 9. Suportei tais preocupações por muitos dias, conseguindo que meu bebê permanecesse comigo na prisão. Logo me restabeleci e, aliviada do sofrimento e da preocupação com meu filho, a prisão tornou-se de repente um palácio para mim, preferindo eu estar lá a permanecer em qualquer outro lugar.

IV

1. Então meu irmão me disse: “Senhora, minha irmã, você desfruta de tamanho respeito de Deus, que, caso peça uma visão, lhe será revelado se seremos martirizados ou libertados”. 2. E eu, que sabia ser capaz de conversar com o Senhor, cujas enormes benesses experimentara, prometi confiante, dizendo: “Amanhã lhe contarei”. E pedi [uma visão], e me foi revelado o seguinte: 3. vejo uma escada³³ de bronze,

³¹ O liame entre o batismo e a morte/ressurreição com Cristo consta de Rm 6.3-6: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? Porque fomos sepultados com Ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com Ele à semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto: que o nosso velho homem foi crucificado com Ele, para que seja destruído o corpo do pecado, e não sirvamos mais ao pecado” (*An ignoratis quia quicumque baptizati sumus in Christo Jesu, in morte ipsius baptizati sumus?/ Consepulti enim sumus cum illo per baptismum in mortem: ut quomodo surrexit Christus a mortuis per gloriam Patris, ita & nos in nouitate uitae ambulemus/ Si enim complantati facti sumus similitudini mortis ejus: simul & resurrectionis erimus/ Hoc scientes, quia uetus homo noster simul crucifixus est, ut destruat corpus peccati, ut ultra non seruiamus peccato*). Ademais, cf. Cl. 2.12.

³² *diaconi* (gr. *διάκονοι*). São múltiplas suas funções nos primeiros séculos do cristianismo, não obrigatoriamente vinculadas a um posto eclesiástico específico. De acordo com Ferguson (2010, s.v.): “Although nearly all religious and social groups have subordinate officials to assist the leaders, the principal non-Christian functionary who has been considered comparable with the Christian deacon is the *chazan* in the Jewish synagogue. The servant of the synagogue at different times and places was assigned a variety of tasks: assisting in the worship, caring for the building, executing punishment on offenders, and teaching children. In classical Greek, the *diakonia* [gr. *διακονεῖν*, “servir”] family of words was used for intermediaries of various kinds – an agent performing an errand or a task for another person, such as delivering messages or sometimes serving tables – associations that continued in Christian sources. [...] Whatever his background, the deacon had a distinctive development in Christianity. *Diakonos* (‘deacon’) is used in the New Testament in a nontechnical sense for a variety of persons: waiters (John 2:5), government officials (Rom. 13:4), servants of Satan (2 Cor. 11:15), a disciple (Matt. 23:11), a messenger (Col. 4:7; 1 Thess. 3:2), evangelists and missionaries (1 Tim. 4:6; 2 Cor. 11:23), apostles (Matt. 20:26; 2 Cor. 3:6), Christ (Rom. 15:8). ‘Deacon’ as a technical term for a recognized ministry in the church with set qualifications is also attested in the New Testament (Phil. 1:1; 1 Tim. 3:8-13). The association of the deacons with bishops in these passages continued to be normal in Christian usage [...], but there are also passages where deacons are paired with presbyters [...]. The deacons were the assistants of the spiritual leaders in the church, performing various services on behalf of the people. The deacons could, therefore, be seen as in a special way representing the serving attitude and work of Jesus”. Para dois comentários em algum grau discordantes a respeito do diaconato em sua vertente neotestamentária, cf. Coogan (2010 [1973], p. 2062, n. 1.1-2) e Lampe (1961, s.v. *διάκονος* ii.b).

³³ Lê-se em Gn 28.11-12: “E chegou a um lugar onde dormiu, pois o sol se pusera; tomou algumas pedras do local e as colocou junto à cabeça e lá dormiu; e teve um sonho: eis que havia uma escada sobre a terra, cujo topo tocava o céu; por ela, os anjos de Deus subiam e desciam” (*Et deuenit in locum, & dormiuit ibi,*

espantosamente alta, que alcançava o céu. Era estreita; apenas uma pessoa por vez conseguia subir por ela³⁴; em suas laterais, havia todo tipo de flagelos. Ali, espadas, lanças, ganchos, cutelos e hastes estavam distribuídos de tal maneira, que, se alguém subisse desatento ou não olhasse para cima, seria mutilado, e seu corpo ficaria preso aos flagelos. 4. Ao pé da escada, estendia-se uma gigantesca serpente³⁵, preparando emboscadas aos que subiam e aterrorizando-os para que não o fizessem. 5. O primeiro a subir foi Sátiro³⁶, que se entregou depois espontaneamente por nós, pois fora nosso mestre e não estava presente, quando fomos presos. 6. Ao chegar ao topo da escada, virou-se e me disse: “Perpétua, estou esperando por você; mas tome cuidado para que a serpente não a morda”. E eu lhe falei: “Em nome de Jesus Cristo, ela não me fará mal”. 7. Como que com medo de mim, a serpente levantou hesitante a cabeça de sob a escada. E assim, como se pisasse no primeiro degrau, pisei em sua cabeça e subi.³⁷ 8. Vi então um imenso jardim³⁸ e, sentado no meio dele, um homem grande de cabelos brancos, vestido de pastor, que ordenhava as ovelhas;³⁹ ao seu redor, estavam muitos milhares de pessoas vestidas de branco⁴⁰. 9. Ele levantou a cabeça, olhou para mim e disse: “Seja bem-vinda⁴¹, minha criança⁴²”. Chamou-me para perto e me deu uma porção do queijo [produzido com o leite] da ordenha⁴³. Com as mãos juntas, recebi o alimento e comi. E

occiderat enim sol: & sumpsit ex lapidibus loci, & posuit ad caput suum, & dormiuit in loco illo./ Et somniauit: & ecce scala stabilita super terram, cuius caput pertingebat ad coelum: & Angeli Dei ascendebant, & descendebant per illam).

³⁴ A dificuldade do caminho à bem-aventurança é expressa, por exemplo, em Mt 7.13-14: “Entrai pela porta estreita, porque larga e espaçosa é a via que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. Quão estreita é a porta e exígua a via que conduz à vida, e poucos são os que a encontram” (*Intrate per angustam portam quia lata, & spatiosa uia est, quae ducit ad perditionem & multi sunt, qui intrant per eam/ quam angusta porta et arcta uia est, quae ducit ad uitam: & pauci sunt, qui inueniunt eam*).

³⁵ Ou seja, uma das representações bíblicas do mal. No “Apocalipse de João”, é o próprio Diabo: “E foi lançado o dragão, a grande e antiga serpente que se chama Diabo e Satanás, que engana todo o mundo” (*Et missus est ille draco, serpens magnus, & antiquus, qui dicitur diabolus, & sathanas, qui seducit uniuersum orbem terrarum*) (Ap 12.9). Evidentemente, há outras passagens neo e veterotestamentárias em que a imagem reaparece, entre elas, Gn 3.1-15 e Is 27.1.

³⁶ À parte sua posição de preceptor evidenciada pelo verbo *aedificauerat*, a personagem ainda carece de identificação.

³⁷ A ação de Perpétua adquire um matiz profético, a partir das palavras de Deus, no Gênesis: “E porei inimizade entre ti [*sc.* a serpente] e a mulher e entre a tua semente e a semente dela; esta ficara à espreita pela tua cabeça [...]” (*Et inimicitias ponam inter te & inter mulierem, & inter semen tuum & semen illius: ipsa tibi seruiabit caput, [...]*) (Gn 3.15).

³⁸ Entenda-se, o jardim edênico de que fala Gn 2.8. Para uma análise detalhada acerca do significado do termo *παράδεισος* na Septuaginta, *vide* Bremmer (1999, p. 18).

³⁹ A compleição do homem é em larga medida a do Deus Pai e de Cristo, em Dn 7.9 e Ap 1.14 respectivamente. No que tange ao hábito de pastor, a imagem não deixa de ecoar o Salmo 23 ou ainda o evangelho joanino: “Eu sou o bom Pastor; o bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas” (*Ego sum pastor bonus. Pastor bonus animam suam dat pro ouibus*) (Jo 10, 11). *Cf.* Hb 13.20; Is 63.11; 1 *Enoch* LXXXIX.22-59; *Herm.* 25.1-5, 61.5-6, 62.1-5, 63.2.

⁴⁰ Em Ap 4.4, a indumentária de cor branca é um dos atributos dos vinte quatro anciãos em redor de Deus: “E à volta do trono havia vinte e quatro assentos; neles, sentavam-se vinte e quatro anciãos vestidos de branco; e nas suas cabeças, coroas de ouro” (*et in circuitu throni sedilia uiginti quattuor: in quibus seniores sedentes erant uiginti quattuor, circumamicti uestimentis albis, & in capitibus eorum coronae aureae*). *Cf.* 1 *Enoch* LXXI.1 e *Herm.* 68.1-4.

⁴¹ *bene uenisti*. Para outros exemplos da expressão, *vide* Plummer (1896, p. 219) e Blaise (1954, s.v. bene).

⁴² No original, *tegnon* (gr. τέκνον), um dos muitos helenismos presentes ao longo do texto.

⁴³ Embora o leite e, por conseguinte, o queijo sejam alimentos por vezes associados à Eucaristia e ao Batismo, McGowan (1999, p. 103) acredita que ambos assumam aqui um papel sobremaneira antitético: “Thus the *Martyrdom of Perpetua and Felicitas* may not really be a witness to the actual use of milk or cheese in ritual meals, [...] but the oppositions presented in the account, between bloodshed, meat-eating,

todos à volta disseram: “Amém”. 10. Então despertei ao som daquelas vozes, sentindo ainda algo de doce na boca. Imediatamente contei a visão a meu irmão. Deste modo, compreendemos que receberíamos o martírio e perdemos a esperança nesta vida.

V

1. Poucos dias depois, circulou o rumor de que seríamos interrogados. Tomado de tristeza, meu pai chegou da cidade e veio até mim, para que eu renegasse minha fé. Dizia: 2. “Filha, tenha piedade de meus cabelos brancos; tenha piedade de seu pai, caso eu seja digno de ser chamado assim por você. Se com estas mãos a criei até a flor da idade, se preferi você a todos os seus irmãos, não me entregue ao opróbrio dos homens. 3. Pense em seus irmãos, pense em sua mãe e sua tia, pense em seu filho, que não sobreviverá sem você. 4. Não seja orgulhosa; não destrua a todos nós. Ora, nenhum de nós poderá falar sem restrição, caso você seja punida!”. 5. Como um pai, dizia tais palavras por compaixão, beijando minhas mãos, jogando-se aos meus pés e chorando. Não mais me chamava de filha, mas de senhora. 6. Doía-me ver o infortúnio de meu pai, pois apenas ele de toda minha família estava infeliz com meu martírio.⁴⁴ Eu então o consolei, dizendo: “Acontecerá naquele estrado o que Deus quiser. Saiba que não estaremos mais em nossas mãos, mas nas de Deus”. E ele, angustiado, deixou-me.

VI

1. Noutra ocasião, enquanto comíamos, fomos bruscamente levados à audiência. Ao chegarmos ao fórum, a notícia correu rapidamente pelas redondezas, e uma grande aglomeração se formou. 2. Subimos no estrado. Interrogados, os outros confessaram [sua fé]. Chegou a minha vez. Meu pai surgiu com meu filho, puxou-me dos degraus e disse: “Faça a oferenda!⁴⁵ Tenha piedade de seu bebê!”. 3. Em seguida, Hilariano⁴⁶, o procurador que ocupava à época o posto de juiz supremo⁴⁷ no lugar do finado procônsul

and sacrifice on the one hand, and idyllic peace and avoidance of meat on the other, are a valuable and enlightening source for comparison”. Enfim, reiteradamente no Antigo Testamento, a Terra Prometida será apresentada como um espaço de fartura de leite e mel: “e descí para livrá-los das mãos dos egípcios e levá-los daquela terra a uma terra boa e vasta, terra onde correm leite e mel [...]” ([...] & *descendi liberare eos de manibus Aegyptorum, & educere illos de terra illa in terram bonam, & multam, in terram fluentem lac & mel* [...]) (Êx 3.8). Dentre seus muitos exemplos, cf. Nm 13.27 e Dt 26.9.

⁴⁴ Isto é, o martírio entendido não apenas em chave positiva, mas cujos efeitos promoveriam uma mudança na vida terrena e no porvir dos que o praticam: “The presentation of martyrs as ‘other Christs’ [*alter Christus*] was transformative for the status of the martyrs in their own communities. Whereas previously they had been slaves, women, artisans, bishops, deacons, aristocrats, and foreigners, they had ascended – through Christly death – to the upper ranks of the Christian hierarchy. The benefits of this kind of Christian social climbing are most discernible in portrayals of martyrs in heaven. The activities, roles, and functions of the martyrs in heaven suggest that they occupied a privileged position there” (MOSS, 2010, p. 7).

⁴⁵ *Sc.* aos deuses e, por conseguinte, ao imperador deificado: “Dès l’époque classique, le verbe a le sens courant d’« offrir des prières » ou un « sacrifice » aux dieux [...]. Le sacrifice permettait d’éprouver les chrétiens de façon indubitable [...]: en aucun cas, les véritables chrétiens ne devaient accepter de sacrifier aux idoles, c’est-à-dire aux démons” (AMAT, 1996, p. 211). Sobre a prática em si, *vide* Gradel (2002, p. 15).

⁴⁶ Segundo Rives (1996, p. 6-10), provavelmente P. Aélío Hilariano, *procurator* que teria dedicado, entre os anos de 189 e 192, dois altares na cidade de *Asturica* (mod. Astorga), na *Hispania Tarraconensis*.

⁴⁷ *ius gladii* (lit. “o direito da espada”), isto é, a prerrogativa legal de julgar e aplicar a pena capital. Diz Rives (*ibid.*, p. 4-5) acerca do expediente, bem como de sua cessão a Hilariano: “The description of Hilarianus’ position given in the *Passio Perpetuae* is historically plausible. It was by no means unknown in emergencies to allow a procurator to act in the place of a governor, *vice praesidis*. The practice seems to have begun as early as the reign of Domitian, and started to become fairly regular under the Severans; between the reigns of Septimius Severus and Gallienus we know of some twenty examples. The attribution to Hilarianus of the power of the sword, *ius gladii*, fits well with this position, since *ius gladii*

Minúcio Timiniano⁴⁸, falou: “Poupe os brancos cabelos de seu pai! Poupe sua criança! Ofereça um sacrifício à saúde dos imperadores!”⁴⁹ 4. E eu respondi: “Não o farei!”⁵⁰. E Hilariano perguntou: “Você é cristã?”. Ao que eu disse: “Sou”. 5. Vendo que meu pai continuava tentando me demover, Hilariano ordenou que ele fosse jogado ao chão e fustigado com uma vara.⁵¹ Doía-me [observar] seu infortúnio, como se eu mesma tivesse sido golpeada; doía-me sua deplorável velhice. 6. Hilariano pronuncia então a sentença de todos nós, condenando-nos às feras.⁵² E assim, descemos jubilosos à masmorra. 7. Como minha criança estava acostumada a mamar em meu peito na prisão, sem demora envio Pompônio a meu pai, para pedi-la de volta. 8. Mas meu pai não quis devolvê-la. Pela vontade de Deus, porém, meu bebê não quis mais mamar, nem meus seios permaneceram inchados e, deste modo, não mais me torturavam a preocupação com meu filho ou a dor em minhas mamas.

VII

1. Poucos dias depois enquanto todos orávamos, veio-me uma voz de repente no meio da oração, e então proferi o nome de Dinócrates⁵³. Fiquei perplexa, pois nunca antes ele me viera à mente, senão naquele instante. Condoí-me recordando seu infortúnio. 2. No entanto, entendi, por esse sinal, que eu merecia a graça de Deus e deveria orar por ele. Comecei então a rezar intensamente, lamentando-me ao Senhor. 3. Depois disso, naquela mesma noite, tive esta revelação: 4. vejo Dinócrates saindo de uma paragem escura⁵⁴ onde havia muitos outros; ele sentia muito calor⁵⁵ e sede⁵⁶; seu rosto estava

was in essence the power to inflict capital punishments that the emperor delegated to this representatives”.

⁴⁸ De acordo com diversos comentadores, Minúcio Opimiano, governador da província romana da *Africa Proconsularis*, cuja sede do poder situava-se em Cartago. A grafia *Minuti Timiniani* seria uma corruptela. Na versão grega, lê-se Μινουκίου Ὀπιανού.

⁴⁹ Septímio Severo (146 – 211) e seus filhos Caracala (188 – 217) e Geta (189 – 211).

⁵⁰ Como sublinha Amat (1996, p. 212), a recusa constituiria crime de lesa-majestade. Ademais, diz Heffernan (2012, p. 195): “The ritual of sacrifice to both the dead and the living emperors was, in practice, the recognition of a social contract between the ruler and the ruled. There were mutual obligations on the ruler and ruled: the ruler must be just, pious, and virtuous, and must defend the Empire; the ruled, in recognition of the benefits bestowed upon them as members of the state, were obliged to bind themselves through the ritual of sacrifice and respect (*pietas*), a respect for the governing norms of the social, political, and religious order. Christians’ refusal to sacrifice was an acknowledgment that they were outside this compact”.

⁵¹ Ou seja, procedimento em princípio incompatível com o status social de Perpétua e de seus familiares. *Vide* n. 25.

⁵² Aplicada a desertores e escravos no período republicano, a *damnatio ad bestias* figura na longa série de punições romanas, cuja posterior assimilação nos jogos viria a incluir as comunidades cristãs: “With the institutionalization of conglomerate spectacles came variations on ritualized public executions of criminals (and in time Christians). Rome did not execute everyone the same way. Quick and unaggravated, decapitation at the edge of town was the most discreet form of execution, a privilege for citizens of status. For a host of crimes Rome punished criminals of low status with aggravated or ultimate punishments (*summa supplicia*), which included exposure to wild beasts, crucifixion, and burning alive. One could also be condemned to become a gladiator, or sent for life to the mines (*metallum*) or public works (*opus publicum*). From the time of Augustus on, various forms of executions were performed on an increasingly spectacular basis in the arena. The victim’s lasting agony and death provided a terrifying and exemplary public spectacle. Some of the punishments have precedents under the Republic, but under the Empire the torture and aggravated death of criminals became a standard part of *munera*” (KYLE, 1998, p. 52-53).

⁵³ *Sc.* um dos irmãos de Perpétua, segundo informado logo abaixo no próprio texto.

⁵⁴ A ausência de luz, ora reforçada por outros traços, é uma constante nas descrições da morada dos mortos, tanto na literatura greco-romana, como nas Escrituras. Em Hesíodo, fala-se dos Titãs “sob a treva espessa [do Tártaro]” (ὑπὸ ζόφῳ ἠερόεντι) (*Theog.* 729), caracterização que se repete na *κατάβασις* de Odisseu (Hom. *Od.* 11.155). No Antigo Testamento, Jó pede por alento antes de dirigir-se “à terra de

sujo; sua tez, pálida; tinha uma ferida na face, a mesma de quando morrera. 5. Dinócrates era meu irmão de sangue. Aos sete anos, morrera enfermo com um cancro no rosto. A maneira como morreu provocou a revolta de todos.⁵⁷ 6. Eu rezara por ele. Separava-nos uma grande distância, que nos impedia de nos aproximarmos. 7. Onde Dinócrates estava, havia um tanque cheio de água⁵⁸, cuja borda era mais alta que o menino. Dinócrates se esticava como que para beber. 8. Eu sentia tristeza, pois o tanque tinha água, mas sua altura não permitia que Dinócrates bebesse. 9. Então despertei e soube que meu irmão sofria. No entanto, tinha esperança de poder ajudá-lo em seu sofrimento. Orei por ele todos os dias até irmos para uma prisão militar⁵⁹, pois lutaríamos nos jogos. Era o aniversário de Geta César⁶⁰. 10. Eu rezava por Dinócrates dia e noite. Lamentava-me e chorava, para obter [sua salvação].

VIII

1. Certo dia em que estávamos presos, foi-me revelado o seguinte: vejo o local que antes observara; Dinócrates, porém, estava limpo, bem vestido e jubiloso. Onde havia a ferida, vejo uma cicatriz; 2. o tanque que eu divisara tocava agora o umbigo do menino; Dinócrates tirava-lhe água sem cessar. 3. Sobre a borda, encontrava-se uma taça de ouro cheia de água. Dinócrates aproximou-se e começou a beber. A taça nunca se esvaziava. 4. Saciado, ele começou a brincar com a água, alegre como uma criança. Então despertei. Soube assim que meu irmão fora liberado da pena.

IX

1. Alguns dias depois, Pudêncio, o sentinela⁶¹ encarregado da prisão, começou a nos ter em grande estima, porque notara um grande destemor em nós. Permitia que muitos nos visitassem, para que nos consolássemos uns aos outros. 2. No entanto, com a chegada dos jogos, meu pai veio até mim e, tomado de tristeza, começou a arrancar a própria barba e lançá-la ao chão. Prostrava-se à minha frente, amaldiçoando seus anos e proferindo palavras que teriam comovido toda a criação. 3. Doía-me [observar] sua triste velhice.

escuridão e de brumas;/ terra da noite eterna, onde não há luz” ([...] *in terram tenebrosam, & caliginosam;/ in terram noctis aeternae, ubi non est lux* [...]) (Jó 10. 21-22). Enfim, no texto grego de II Pe 2.4, tampouco a descrição do castigo aos anjos pecadores deixa de registrar tal elemento: “[Deus] entregou-os às correntes da escuridão, tendo-os lançado no Inferno” ([...] *σειραῖς ζόφου ταρταρώσας παρέδωκεν*).

⁵⁵ Assim como a escuridão (*vide* nota acima), a presença do fogo – e, conseqüentemente, de paragens tórridas no porvir – acabaria por exacerbar sua faceta punitiva: “[...] melhor é para ti entrares aleijado na vida eterna do que, tendo dois pés, seres lançado na geena do fogo inextinguível” ([...] *bonum enim est tibi claudum introire in uitam aeternam, quam duos pedes habentem mitti in gehennam ignis inextinguibilis*) (Mc 9.44). *Cf.* Lc 16.24; Mt 18.8; 1 *Enoch* XVII.6-7, XXII.2, XCII.5 e CIII.7-8. Ademais, como bem lembra Heffernan (2012, p. 217), a simples existência do Flegetonte na hidrografia do Outro Mundo pagão promoveria a ideia de um local de temperatura elevada. Neste último aspecto, *cf.* 1 *Enoch* XVII.3-5.

⁵⁶ De modo geral, o suplício é reminescente da parábola do rico e Lázaro. *Cf.* Lc 16.24.

⁵⁷ Para outra leitura da expressão *male obiit*, *vide* Amat (1996, p. 216).

⁵⁸ *Cf.* Jo 4, 11-14 e 7, 37-39. Dito isso, Ciccarese (1987, p. 81) acredita tratar-se de uma referência específica às águas milagrosas de Betesda (Jo 5.2-3).

⁵⁹ *in carcerem castrensem*. *Cf.* Blaise (1954, s.v. *castrensis*).

⁶⁰ *Getae Caesaris*. Como indicado acima, Públio Septímio Geta, filho mais jovem do imperador Septímio Severo. Nascido em 7 de março de 189, foi assassinado pelo irmão Caracala, em 211. Embora conste apenas de um dos manuscritos da *Passio*, a referência é fundamental às tentativas de datação do martírio. *Vide* Heffernan (2012, p. 317-318).

⁶¹ *miles optio*. Sobre as especificidades da patente militar em questão, *vide* Heffernan (2012, p. 243).

X

1. Na véspera de nosso combate, tive a seguinte visão⁶²: Pompônio, o diácono, viera à porta da prisão e batia com força. 2. Fui até ele e a abri. Pompônio vestia uma túnica⁶³ branca e calçava sandálias elaboradas⁶⁴. 3. Disse-me: “Perpétua, estamos à sua espera. Venha”. Ele me pegou pela mão, e começamos a cruzar um caminho árduo e tortuoso. 4. Finalmente, com dificuldade, chegamos ofegantes ao anfiteatro, e Pompônio conduziu-me ao centro da arena. Ele falou: “Não tenha medo. Estou aqui com você. Sofreremos juntos”. E se afastou. 5. Contemplo então uma gigantesca multidão eufórica. Eu estranhava que as feras não fossem lançadas contra mim, pois sabia que tal era a minha pena. 6. Então, um repulsivo egípcio⁶⁵ surgiu com seus lacaios, para lutarmos. Ao mesmo tempo, belos jovens vêm para junto de mim, como meus ajudantes e intercessores. 7. Primeiro, fui despida; depois, fizeram-me homem;⁶⁶ em seguida, meus protetores começaram a untar-me de óleo, como é costume nos combates. Do outro lado, vejo o egípcio rolando na poeira.⁶⁷ 8. Neste instante, eis que surge um

⁶² *horomate*, outro termo tomado ao grego.

⁶³ No original, *discincta*, isto é, por metonímia, a túnica usada solta, sem cinto. Na Eneida, é-lhe feita uma alusão como veste típica dos “africanos”: “Vêm depois desfilar em longa série/ As vencidas nações, nos idiomas/ Tão várias, quanto em usos, trajes e armas/ Aqui Nômadas e Afros descingidos [*discinctos*]” (*incedunt uictae longo ordine gentes,/ quam uariae linguis, habitu tam uestis et armis./ hic Nomadum genus et discinctos Mulciber Afros*) (8.726). Tradução de José Victorino Barreto Feio. De resto, compunha o código vestuário de diferentes grupos, incluídas as comunidades cristãs: “The tunic was a basic item of dress and was typically worn under the toga by upper-class Roman men; it also served as the outer garment for the less well off and as an item of dress for the military. Pomponius’s white robe is a complex image. Its color suggests purity. The tunic is not described as having any stripes, and this indicates it is a simple garment worn by someone not from the equestrian or senatorial classes. Otherwise it would have colored, vertical-striped bars of varying breadth running from the shoulders down the front and back. Images from Christian iconography often depict Christ as wearing a plain, unbelted tunic. [...] The unbelted tunic is also represented in the female figure of the *orans*, common in North African funerary mosaics” (HEFFERNAN, 2012, p. 256).

⁶⁴ “Sandálias elaboradas” procura traduzir a expressão *multiplies galliculas*, cujo adjetivo pode se referir tanto à confecção do calçado em si, quanto, como imagina Heffernan (2012, p. 257), à sua intrincada amarração na parte inferior da perna.

⁶⁵ Melhor dizendo, outra representação bíblica do mal, a um só tempo, vetero e neotestamentária: “L’egiziano qui descritto rappresenta il diavolo, così come il serpente ai piedi della scala nella prima visione. La carnagione scura degli africani viene solitamente associata al male, ma in particolare gli egiziani, in quanto ricordano la persecuzione del popolo di Dio, così come la figura faraone di memoria biblica rappresenta simbolicamente il demonio” (FORMISANO, 2008, p. 103). Ao cabo, note-se que a imagem do “dragão” [*draco*] e do faraó serão equiparadas em Ez 29.3: “Eis que venho a ti, faraó, rei do Egito, grande dragão, que te deitas no meio dos teus rios” (*ecce ego ad te Pharaon rex Aegypti, draco magne, qui cubas in medio fluminum tuorum*). Cf. n. 35.

⁶⁶ Ora entendida em chave literal, ora interpretada a partir das implicações de um pressuposto *ethos* masculino, a transformação de Perpétua possivelmente faria confluír ambos os aspectos, indissociáveis, aliás, no vocábulo *masculus*: “The culture in which Perpetua lived and which she inherited had long offered the superiority of the male as the overriding model to be followed, and biblical metaphors were likewise full of masculine images that underlined male superiority. Male and female had, since classical times, become metaphors for moral qualities (where male equals strong, superior, and good, and female equals weak, inferior, and bad). A woman like Perpetua, who bore up bravely under torture and could fight with an opponent like the Egyptian, would be thought to be masculine./ The identifiers ‘male’ and ‘female’ became, as time went on, terms that indicated both sexes; either sex could be described by either term. Sex was transcended, and sexuality became fluid and temporary and could refer to a common human nature. The two terms came to describe less a static state or a sexualized category than a moral category. To ‘become female’ was to become morally weak or degenerate; to ‘become male’ was to attain a state of higher moral perfection (that is, the *vir perfectus* or *teleios anêr*)” (GOLD, 2018, p. 36). Nas páginas seguintes, Gold ainda discute a recepção do episódio por Agostinho de Hipona e Quodvultdeus.

⁶⁷ *in afa* (gr. ἐν τῷ κονιορτῷ). Ou seja, uma das etapas na preparação dos atletas, a qual consistia na aplicação de óleo no corpo, após o que, passava-se poeira no mesmo, dificultando assim os ataques do

gigantesco homem, cujo tamanho era tão espantoso, que ultrapassava a altura do anfiteatro. Vestia uma túnica com duas listras púrpuras que lhe desciam pelo meio do peito. Nos pés, calçava sandálias confeccionadas em ouro e prata. Como um mestre de gladiadores⁶⁸, portava um bastão em uma das mãos, levando na outra um ramo verdejante, de onde pendiam maçãs de ouro.⁶⁹ 9. Ele pediu silêncio e disse: “Caso este egípcio vença a mulher, ele a matará com a espada. Se vencê-lo, ela receberá este ramo”. E recuou. 10. Assim, eu e o egípcio investimos um contra o outro e começamos a trocar golpes. Ele queria agarrar meus pés, mas eu chutava seu rosto. 11. Fui levantada no ar e comecei a golpeá-lo sem tocar o chão. Quando percebi que o egípcio hesitava, juntei as mãos e, entrelaçando os dedos, agarrei sua cabeça. E assim, ele tombou de face na arena, e eu pisei em seu rosto.⁷⁰ 12. A multidão começou a gritar; os meus intercessores, a cantar hinos. Aproximei-me então do mestre dos gladiadores e lhe pedi o ramo. 13. Ele me beijou e disse: “Filha, a paz esteja com você”. E comecei a caminhar triunfante à *Porta Sanavivaria*⁷¹. 14. Então despertei. Assim, compreendi que lutaria não contra bestas, mas contra o Diabo. Mas eu sabia que sairia vitoriosa. 15. Tudo isso foi o que fiz até a véspera dos jogos. Quanto aos jogos em si, se alguém quiser, que escreva.

opponente. A prática era tão corriqueira, que no *gymnasium* grego (sécs. III e IV a.C.) havia aposentos (*konisteria*) reservados a sua aplicação (REMIJSEN, 2015, p. 259). No mais, escreve Luciano (c. 120 d.C.), em seu *Anacharsis*: “Nós consideramos que tal pó [κόνιν] é útil para o fim oposto, impedir que consigam escapar quando estiverem imobilizados. [...] Além disso, acredita-se que, uma vez espalhado [na pele], interrompa a profusão de suor, prolongue em muito a força e impeça que sejam fustigados pelo vento que sopra sobre seus corpos delicados e expostos. Em especial, remove a sujeira, deixando o homem mais limpo” (τὴν μέντοι κόνιν ἐπὶ τὸ ἐναντίον χρησίμην οἰόμεθα εἶναι, ὥς μὴ διολισθάνοιεν συμπλεκόμενοι. [...] καὶ μὴν καὶ τὸν ἰδρωτὰ συνέχειν δοκεῖ ἢ κόνις ἀθρόον ἐκχεόμενον ἐπιπαττομένη, καὶ ἐπὶ πολὺ διαρκεῖν ποιεῖ τὴν δύναμιν, καὶ κώλυμα γίγνεται μὴ βλάπτεσθαι ὑπὸ τῶν ἀνέμων ἀραιοῖς τότε καὶ ἀνευρόσιν τοῖς σώμασιν ἐμπιπτόντων. ἄλλως τε καὶ τὸν ῥύπον ἀποσμᾶ καὶ στιλπνότερον ποιεῖ τὸν ἄνδρα) (29). Para uma descrição pormenorizada dos vários usos da *kónis*, vide Philostr. *Gym.* 56.

⁶⁸ *Ianista*. Um sucinto comentário sobre seu ofício é fornecido por Robert (1982, p. 262): “Or qu’est le laniste? C’est le commerçant de la gladiature; des glossaires donnent pour traduction *λουνδοτρόφος*, *μονομαχοτρόφος*. Il fournit des gladiateurs à ceux qui doivent donner un *munus*; il entretient un *ludus*, recrutant les gladiateurs et les entretenant; il est clair qu’il a des connaissances techniques sur ces homes et ces combats. Considéré comme *infamis*, il n’est naturellement pas le président, le juge du spectacle; il n’apparaît pas parmi les dignitaires; c’est le *munerarius*, *editor muneris*, qui accorde la victoire ou, pour le vaincu, la grâce”. Por seu turno, Amat (1996, p. 227) acrescenta a possibilidade de tratar-se também do árbitro dos combates.

⁶⁹ Diversas são as possíveis alusões do *ramum uiridem in quo erant mala aurea*. No “Pastor de Hermas”, é franqueado o acesso à torre, alegoria da Igreja, aos que portam “ramos verdes e germinantes [...] como que com frutos” (τὰς ῥάβδους χλωρὰς καὶ παραφυάδας ἐχούσας [...] ὡσεὶ καρπὸν τινα εἶχον) (67.18); conforme com explicitado logo adiante, trata-se ali dos bem-aventurados “que lutaram contra o diabo e o venceram” (οἱ μετὰ τοῦ διαβόλου παλαίσαντες καὶ νικήσαντες αὐτόν) (69.6). Por sua vez, na literatura clássica, Hércules toma tais frutos às “Hespérides, zelosas com as belas maçãs de ouro, para além do insigne Oceano [...]” (Ἑσπερίδας θ’, αἷς μῆλα πέρην κλυτοῦ Ὠκεανοῦ χρύσεια καλὰ μέλουσιν φέροντά τε δένδρεα καρπὸν) (*Hes. Theog.* 215-216); no caso de Hipómenes, o filho de Megareu se faz valer das *mala aurea* para vencer Atalanta, podendo então desposá-la: “Esse [*sc.* Hipómenes] aceitara de Vênus três maçãs de singular beleza, instruído na maneira de utilizá-las. Lançando-as à menina na disputa, deteve seu ímpeto, pois ela, ao apanhá-las e admirar seu ouro, curvou-se, dando a vitória ao jovem” (*Hic enim a Venere mala tria insignis formae acceperat, edoctus quis usus in eis esset. qui in ipso certamine iactando puellae impetum alligauit. illa enim dum colligit et ammiratur aurum, declinauit et iuueni uictoriam tradidit*) (*Hyg. Fab.* CLXXXV.11-15). Enfim, não menos importante é o emprego de maçãs como prêmio nos jogos píticos em Delfos. Sobre este último aspecto, vide Robert (1982, p. 266-272).

⁷⁰ Cf. Tert. *De spect.* XVIII.

⁷¹ *Sc.* a “Porta da Vida”, pela qual saíam os vitoriosos na arena. Neste sentido, opunha-se à *Porta Libitinensis* (“Porta da Morte”), nomeada a partir da deusa romana dos ritos fúnebres Libitina.

XI

A visão de Sátiro

1. Também o abençoado Sátiro relatou sua visão, que deixou por escrito. Eis o seu relato: 2. Depois de sofrermos o martírio, partimos de nossos corpos. Éramos levados ao Oriente⁷² por quatro anjos⁷³, cujas mãos não nos tocavam. 3. Não subíamos de costas para o céu, mas nos alçávamos de frente como se por um suave declive. 4. E assim, libertos deste mundo, vimos uma luz fortíssima⁷⁴, e eu disse a Perpétua, que estava ao meu lado: “É o que o Senhor nos prometia. Recebemos Sua promessa”. 5. Levados pelos quatro anjos, eis que uma imensa paragem⁷⁵ despontou à nossa frente. Semelhante a um jardim⁷⁶, possuía roseiras e flores de toda espécie.⁷⁷ 6. A altura de suas árvores era como a dos ciprestes⁷⁸, e suas folhas caíam sem cessar. 7. Naquele jardim, havia quatro anjos, mais radiantes que os outros. Quando nos viram, fizeram honrarias e, com admiração, disseram aos anjos: “Estão aqui! Estão aqui!”. Receosos, os quatro anjos que nos levavam nos colocaram no chão. 8. Em seguida, atravessamos com os nossos próprios pés o jardim por um largo caminho. 9. Lá encontramos Jocundo, Saturnino e

⁷² *i.e.* a posição tradicional do Paraíso, segundo uma das possíveis leituras a partir do Pentateuco. Sobre as dificuldades advindas da tradução do versículo de Gênesis, escreve Scafi (2006, p. 35): “The translation of the word Eden as a place inevitably invoked in due course the question: where was this garden? Further confusion resulted from the translation of other words in the text that could be interpreted as relating to its geographical location. The Hebrew qualifies גַּן־בְּעֵדֶן (*gan-beEden*), ‘a garden in Eden’, with the term מִקְדֶּם (*miqedem*) (2. 8), a word that has two quite different meanings, one referring to space, the other to time. Faced with the ambiguity of the words, translators had to choose between rendering the Hebrew spatially – ‘away to the east’ – or temporally – ‘from before the beginning’. Jerome adopted the latter for the Vulgate, translating *miqedem* as *a principio*, to convey the idea that the earthly paradise had been an integral part of God’s primordial creation. In contrast, the translators of the Septuagint, the *Vetus Latina* and the *English Authorized Version* all chose to give the expression a spatial meaning: *κατὰ ἀνατολὰς* (*kata anatolas*) in the Greek, *in oriente* in the Latin, and ‘eastward’ in the English versions respectively”.

⁷³ O anjo ou anjos-guia, espécie de psicopompo cristão a quem caberá a proteção e, por vezes, exegese do Outro Mundo aos fiéis: “sucedeu morrer o mendigo Lázaro e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão” (*factum est autem ut moreretur Eleazarus mendicus, & portaretur ab angelis in sinus Abrahae*) (Lc 16.22). O número em que se acham também possui base testamentária, embora em passos de temática diversa, *e.g.*, Ap 7.1. *Cf.* também 1 *Enoch* I.1-2, XL.1-8, LX.11, LXXI.3, LXXII.1, LXXX.1 e XCIII.19; *Herm.* 25.1-5; *Ascens. Is.* [etiópico] VIII.23-25.

⁷⁴ A luz celeste, indício da presença de Deus e de seus anjos, bem como de sua morada: “[Ele] que sozinho possui imortalidade e que habita em luz inacessível, a quem nenhum dos homens viu, nem é capaz de ver. A Ele honra e poder pelos séculos dos séculos. Amém!” (*qui solus habet immortalitatem, & lucem habitat inaccessibilem: quem uidit nemo hominum, nec uidere potest: cui honor, & potestas in saecula. Amen*) (1 Tm 6.16). *Cf.* Ap 10.1 e 21.22-25; 1 *Enoch* LVIII.3, LVIII.6, XCII.4, XCI.16, XCVI.3 e CIV.2; *Ascens. Is.* [etiópico] VIII.20-21, VIII.25 e IX.6; *Visio Pauli* 21.13-17.

⁷⁵ *Vide* n. 38.

⁷⁶ *uiridiarium*, termo latino que, para além de seus ecos bíblicos, designava os jardins ornamentais cultivados ao redor de quintas e templos na Antiguidade. *Vide* Potthoff (2017, p. 47-48).

⁷⁷ A flora exuberante é distintiva, por exemplo, da bem-aventurança do Elísio virgiliano: “Eis já que a outros sinistra discerne e destra a deitarem/ na relva mãos a manjares, ledo peã a entoarem/ de louro basto odorado entre arvoredo, volvendo/ donde entre as selvas ascende, vasto caudal, o Eridano” (*Conspicit ecce alios dextra laeuaque per herbam/ uescentis laetumque choro paeana canentis/ inter odoratum lauri nemus, unde superne/ plurimus Eridani per siluam uoluitur amnis*) (Verg. *A.* 6. 656-659). Tradução de Adriano Aprigliano (VIRGÍLIO, 2019). Na literatura judaico-cristã, *cf.* 1 *Enoch* XXIV.3-6, XXV.1-4, XXVIII-XXXI e XXXII.3-6; Prudent. *Cath.* 109-136. Por seu turno, *cf.* em âmbito pagão Hes. *Op.* 169-173; Hom. *Od.* IV.563-568; Pl. *Phd.* 110d-111b, entre outros.

⁷⁸ Assim como a rosa, trata-se de outro símbolo funerário: “[...] la rosa era il fiore dei defunti nelle feste dei *Rosalia* [*i.e.* festividades onde se costumava dedicar tal flor aos que partiram]; i cipressi, sacri a Dite, erano piantati davanti alle tombe” (CICCARESE, 1987, p. 82-83).

Artáxio⁷⁹, que foram queimados vivos na mesma perseguição; e também Quinto⁸⁰, ele próprio um mártir, morto na prisão. Perguntávamos a eles onde estavam os outros. 10. Os anjos nos responderam: “Antes se aproximem, entrem e saúdem ao Senhor”.

XII

1. E assim, aproximamo-nos de um recinto cujas paredes pareciam feitas de luz.⁸¹ Diante da entrada, postavam-se quatro anjos, que nos vestiram com estolas brancas⁸². 2. Quando entramos, ouvimos vozes em uníssonos que diziam sem parar: “Santo! Santo! Santo!”⁸³. 3. E vimos sentado nesse lugar o que parecia ser um homem velho e que, embora tivesse cabelos brancos⁸⁴, possuía um semblante juvenil.⁸⁵ Do homem não

⁷⁹ Como ocorre com muitas das personagens acima, nada é sabido ao certo dos três.

⁸⁰ *Ibid.*

⁸¹ Cf. 1 *Enoch* XIV.15-22 e LXXI.5-8.

⁸² *stolas candidas*. A vestimenta litúrgica que, somada à cor branca, serve de símbolo aos mártires: “E quando abriu o quinto selo, vi sob o altar de Deus as almas dos que morreram por causa da palavra de Deus e de seu testemunho./ E clamaram em alta voz, dizendo: ‘até quando, Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?’./ E foram dadas a cada um estolas brancas [...]” (*Et cum aperuisset quintum signum, uidi sub ara Dei animas occisorum propter uerbum Dei, & martyrium suum, & clamauerunt uoce magna, dicentes: quousque Domine, (sanctus, & uerus) non iudicas, & uindicas sanguinem nostrum de his, qui in terris habitant?/ Et datae sunt eis singulis stolae albae [...]*) (Ap 6.9-11). Cf. também Ap 4.4 e 7.13-14.

⁸³ *agios, agios, agios*. Doxológica em essência, a fórmula é utilizada pelos serafins em Is 6.1-3: “No ano em que o rei Uzias morreu, vi o Senhor Sabaoth sentado em um alto e sublime trono; e plena de Sua glória estava a morada. Os serafins colocavam-se à Sua volta; [...] E clamavam uns para os outros, dizendo: ‘Santo, Santo, Santo é o Senhor Sabaoth; toda a terra está cheia da Sua glória’” (*Et factum est anno, quo mortuus est Ozias rex, uidi Dominum Sabaoth sedentem super thronum altum & eleuatum: & plena domus gloria ejus./ Et seraphim stabant in circuitu ejus: [...] Et clamabant alterutrum, & dicebant: Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Sabaoth, plena est omnis terra ejus*). Cf. Ap 4.8; 1 *Enoch* LXI.8-11 e LXXI.5-8; *Ascens. Is.* [etiópico] VIII.16-19.

⁸⁴ Lê-se em Ap 1, 14, em franco diálogo com Dn 7,9: “Sua cabeça e cabelos eram brancos como a lã ou a neve” (*caput autem, & capilli ejus erant albi uelut lana, aut nix [...]*). Cf. 1 *Enoch* XLVI.1 e LXXI.10.

⁸⁵ Ao lugar-comum do *puer senex* Curtius (1996, p. 144-152) dedica um longo comentário em que ressalta suas origens, bem como a relação que estabelece com o texto bíblico: “Nasceu este *topos* [sc. do menino ancião] do estado de espírito do fim da Antiguidade. Todos os períodos primitivos e elevados de uma cultura louvam o jovem e respeitam o velho. Só mais tarde, todavia, se desenvolve um ideal humano em que o contraste da juventude e da velhice tende a equilibrar-se. Cícero (*Cato maior*, 11, 38) explica: *Ut enim adolescentem, in quo senile aliquid, sic senem, in quo est aliquid adolescentis, proba* [‘Pois, assim como tenho apreço pelo jovem em que se encontra algo do ancião, também o faço pelo ancião em que se encontra algo do jovem’]./ Virgílio (*Eneida*, IX, 311) louvara o juízo maduro do jovem Ascânio. [...] Ovídio considera a união da maturidade e da juventude um presente divino, só outorgado a imperadores e a semideuses (*Ars* I, 185 e s.). Valério Máximo louva Catão (III, 1, 2) por ter possuído, ainda em verdes anos, um gravidade digna do Senado. Homenageando um rapaz falecido prematuramente, conta Estácio (*Silvae*, II, 1, 40) que chegara a um estágio moral acima de sua tenra idade. [...] De um menino refere Sílio Itálico (VIII, 464): ‘Em que perspicácia chegou a assemelhar-se aos velhos’. Plínio, o Moço, lamenta a morte de uma menina de treze anos: ‘Nela se uniam a afabilidade da donzela com a prudência de uma anciã e o recato da matrona’ (*suauitas puellaris, anilis prudentia, matronalis grauitas; Ep.*, V, 16,2). Da mesma forma se refere Apuleio a um jovem (*senilis in iuvene prudentia* [‘no jovem há a prudência do velho’]; *Florida*, IX, 38). [...] O *puer senilis* ou *puer senex* é, pois, criação do fim da Antiguidade pagã. E adquiriu mais importância por sua correlação com certos passos da Bíblia. De Tobias se diz que fora o mais jovem, mas nunca procedera puerilmente: *cumque esset junior omnibus..., nihil tamen puerile gessit in opere* [‘apesar de ser mais jovem que todos... nada fez de pueril em suas obras’] (1: 4). A Sabedoria de Salomão (4:8 e ss.) declara a velhice digna; não deve, porém, ser aquilatada pelos anos: ‘As verdadeiras cãs são a prudência entre os homens’ (Lutero). A Vulgata diz: *cani sunt sensus hominis* [‘o discernimento são os {verdadeiros} cabelos brancos de um homem’; Sap 4, 8]. Os cabelos brancos do ancião servem aqui, portanto, de expressão figurada para a sabedoria que a velhice deve dar. Mas a homens jovens também pode caber a sabedoria da velhice. Isso aqui vale ao *puer senex* da Bíblia”. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai, com acréscimos nossos.

víamos os pés. 4. À sua direita e esquerda havia quatro anciãos⁸⁶, e atrás deles muitos mais. 5. Ao entrarmos, postamo-nos admirados diante do trono. Quatro anjos então nos levantaram, e nós O beijamos, e com Sua mão Ele acariciou nossos rostos. 6. Os demais anciãos disseram: “Fiquemos de pé”. E nos levantamos e demos o beijo da paz⁸⁷. Em seguida, falaram-nos: “Vão e brinquem”. 7. E eu disse a Perpétua: “Você obteve o que desejava”. E ela respondeu: “Agradeço a Deus, pois, assim como fui feliz em vida, ainda mais feliz sou agora aqui”.

XIII

1. Ao sairmos, vimos à direita da entrada o bispo Optato e à esquerda o presbítero e mentor Aspásio⁸⁸, separados e amargurados. 2. Ambos se lançaram aos nossos pés e disseram: “Reconciliem-nos, pois vocês se foram e nos deixaram neste estado”. 3. Então lhes dissemos: “Acaso você não é nosso pai [em Cristo]⁸⁹, e você nosso presbítero? Como podem se lançar aos nossos pés?”. Ficamos comovidos e os abraçamos. 4. Perpétua começou a lhes falar em grego, enquanto nos retirávamos para debaixo de uma roseira. 5. Durante a conversa, os anjos falaram aos dois: “Deixem que eles descansem. Se há algum desentendimento entre vocês, perdoem-se um ao outro”. 6. E tendo-os turbado, disseram a Optato: “Repreenda os seus fiéis, pois se reúnem à sua volta como se viessem das corridas e discutissem sobre seus participantes”. 7. Em seguida, tivemos a impressão de que desejavam fechar as portas. Começamos a reconhecer ali muitos de nossos irmãos, além de mártires. Alimentava-nos uma fragrância indescritível que nos saciava.⁹⁰ Então, alegre, acordei.

XIV

1. Essas são as muito gloriosas visões dos bem-aventuradíssimos mártires Sátiro e Perpétua, segundo eles mesmos deixaram por escrito. 2. Quanto a Secúndulo, Deus o chamou mais cedo deste mundo enquanto ainda estava na prisão, concedendo-lhe a graça de escapar das bestas. 3. Ainda assim, embora não sua alma, decerto seu corpo conheceu a espada.

XV

1. Quanto a Felicidade, também ela foi tocada pela graça do Senhor. 2. No oitavo mês de gestação – pois estava grávida quando fora presa –, Felicidade encontrava-se mergulhada em grande tristeza com a iminência dos jogos, receando que a gravidez adiasse [seu martírio] – já que não era permitido punir mulheres grávidas – e que, por

⁸⁶ No apocalipse joanino, são em número de 24 – provável referência às doze tribos de Israel e aos doze apóstolos – os anciãos que circundam o trono de Deus.

⁸⁷ *I.e.* a saudação praticada entre os primeiros cristãos. Em âmbito litúrgico, precedia a Eucaristia, segundo se lê em São Justino, Mártir (c. 100 – c. 165): “Ao terminar as preces, nós nos saudamos com um beijo. Em seguida, pão e um recipiente com água e vinho são trazidos àquele que preside aos irmãos. Tomando-os, ele louva e glorifica o Pai do Universo, através do nome do Filho e do Espírito Santo [...]” (Ἀλλήλους φιλήματι ἀσπαζόμεθα παυσάμενοι τῶν εὐχῶν. Ἐπειτα προσφέρεται τῷ προεστῶτι τῶν ἀδελφῶν ἄρτος καὶ ποτήριον ὕδατος καὶ χράματος, καὶ οὗτος λαβὼν αἶνον καὶ δόξαν τῷ πατρὶ τῶν ὄλων διὰ τοῦ ὀνόματος τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου ἀναπέμπει [...]) (*Apol.* 1.65.15-20). *Cf.* Rm 16.16; 1 Co 16.20; 1 Ts 5.26; 1 Pe 5.14.

⁸⁸ *Optatum... Aspasius*. Não há notícia sobre a identidade de ambas as personagens.

⁸⁹ *papa* (gr. *πάπας*). Forma de tratamento afetiva (*e.g.* *Od.* 6.57) que, em âmbito cristão, passaria a designar o cargo de bispo entre os séculos II e III. *Vide* Lampe (1961, *s.v.* *πάπας* a2) e Cross (1997 [1957], *s.v.* *pope*).

⁹⁰ Vinculado à própria divindade (*e.g.* 2 Co 2.15), o bom aroma soma-se a outros elementos do porvir na descrição das regiões paradisíacas. Neste aspecto, *cf.* o apócrifo *Apc. Pt.* [etiópico] 16 ou ainda 1 *Enoch* 24.3-5; 31.2-3 dentre outros.

isso, seu sangue sagrado e inocente fosse derramado depois entre criminosos. 3. De resto, seus companheiros mártires se consternavam profundamente em ter de abandonar uma amiga tão boa, uma colega, sozinha no caminho da esperança. 4. Assim, numa lamúria uníssona de todos, oraram ao Senhor dois dias antes dos jogos. 5. Imediatamente Felicidade sentiu as dores do parto. Um dos guardas, vendo seu sofrimento ao parir no oitavo mês, disse a ela: “Se você sofre tanto agora, o que fará quando lançada às bestas que você desdenhou, quando se recusou a oferecer o sacrifício?”. 6. E ela respondeu: “Agora, sou eu que padeço minhas dores; mas lá outro estará dentro de mim, e Ele padecerá por mim, pois hei de padecer por Ele”. 7. E deu à luz uma menina, que foi criada por uma irmã [em Cristo], como se fosse sua própria filha.

XVI

1. Porque o Espírito Santo permitiu e, ao fazê-lo, quis que fosse registrado o que ocorrera nos jogos, seguimos a prescrição, ou melhor, a determinação da santíssima Perpétua, incluindo um testemunho acerca de sua tenacidade e grandeza de espírito, embora indignos de acrescentar algo a tão gloriosas palavras. 2. Quando o tribuno começou a castigá-los com maior inclemência, temendo, sob o conselho de homens muito desleais, que fugissem da prisão com feitiçarias, Perpétua lhe respondeu face a face: 3. “Por que você não permite que nos recuperemos; nós, os mais nobres condenados de César, que lutaremos em seu aniversário?⁹¹ Acaso não será honroso a você, caso nos apresente bem alimentados?”. 4. O tribuno ficou surpreso e enrubescceu. E assim, ordenou que fossem tratados com mais civilidade, permitindo que os irmãos de Perpétua – e os demais – pudessem visitá-los e se reconfortar juntos. Naquele momento, nosso sentinela já se convertera.

XVII

1. Durante a última refeição, na véspera dos jogos – refeição que, embora fosse chamada de banquete público⁹², era para eles uma confraternização⁹³ –, bradavam à turba com a habitual firmeza, ameaçando-a com o juízo de Deus, reafirmando a bem-aventurança de seu martírio e escarnecendo a curiosidade da multidão. Dizia Sátiro: 2. “O dia de amanhã não é o bastante para vocês? Por que lhes agrada observar o que odeiam? Os amigos de hoje são os inimigos de amanhã. Mas guardem bem nossos rostos, para que nos reconheçam no porvir⁹⁴”. 3. E assim, todos partiram aturdidos e muitos deles se converteram.

⁹¹ Vide n. 60.

⁹² No original, *cena libera*, isto é, o repasto concedido aos combatentes, na véspera dos jogos. Acerca dele e de suas implicações, afirma Ville (1981, p. 365-366): “Avant le *munus*, on sert aux gladiateurs un repas soigné. [...] De même, la *Pas. SS Perp. et Fel.*, XVII, 1, nous apprend que ce repas est offert aussi aux *dammati*; [...] le public était admis à voir les dîneurs (d’où l’épithète de *libera*). [...] La *cena libera* est d’abord une compensation symbolique que le munéraire offre aux hommes qui vont mourir pour lui; ultime préliminaire, elle porte à son comble l’*expectatio* du public; elle participe à la dégradation du *munus* par l’intrusion du pathétique et du sadisme; en dévisageant ces hommes, atablés devant un plantureux repas, qui n’avaient que quelques heures à vivre, le public préparait sa sensibilité au spectacle du lendemain”. Cf. também Futrell (2006, p. 86-87 e p. 242, n. 33). Enfim, para uma leitura diversa do adjetivo *libera* na expressão, vide Formisano (2008, p. 118, n. 163).

⁹³ Literalmente, o “ágape” (lat. *agapem*/ gr. *ἀγάπη*), uma das refeições comunitárias ou mesmo a ocasião onde eram distribuídos alimentos aos fiéis. Seu vínculo com a Eucaristia, ora estreito ora ainda indistinto, mostra-se plural nos primeiros séculos do cristianismo. Vide Lampe (1961, s.v. *ἀγάπη* e).

⁹⁴ Literalmente, “naquele dia” (*in illo die*), referência implícita ao fim dos tempos, mas também ao dia do martírio.

XVIII

1. Amanheceu o dia de sua vitória. Avançaram da prisão ao anfiteatro, como se fossem ao céu; alegres, os rostos gloriosos. Se tremiam, era de alegria e não de medo. 2. Perpétua vinha atrás com a face radiante e passo calmo, como a esposa de Cristo e a amada⁹⁵ de Deus. A força de seu olhar fazia desviar os rostos de todos. 3. O mesmo ocorria com Felicidade, alegre por ter dado à luz em segurança, podendo, assim, combater as bestas; [ia] do sangue ao sangue, da parteira ao gladiador⁹⁶, prestes a lavar-se após o parto, neste segundo batismo⁹⁷. 4. E quando foram levados à entrada [do anfiteatro] e forçados a colocar vestes – os homens, de sacerdotes de Saturno; as mulheres, de sacerdotisas de Ceres⁹⁸ –, aquela nobre [mulher] resistiu com firmeza até o fim, 5. dizendo: “Viemos até aqui voluntariamente, para que não nos fosse tolhida nossa liberdade! Entregamos nossa vida, para que não tivéssemos de fazer algo assim! Tal foi o nosso acordo!”. 6. Deste modo, a injustiça reconheceu a justiça, e o tribuno permitiu que se apresentassem tal como estavam. 7. Perpétua se pôs a cantar hinos, já pisoteando a cabeça do egípcio. Revocato, Saturnino e Sático faziam ameaças aos espectadores; 8. e, quando passaram sob o olhar de Hilariano, começaram a dizer-lhe com gestos e meneios: “Você nos [julgou], mas Deus [julgará] você!”. 9. Irritado com a atitude, o povo demandou que fossem chicoteados por uma fileira de gladiadores⁹⁹. E assim, os mártires gozaram muitíssimo, pois haviam compartilhado um pouco da Paixão do Senhor.¹⁰⁰

XIX

1. Mas Ele, que dissera: “Peçam e receberão”¹⁰¹, deu a cada suplicante a morte desejada. 2. Ora, sempre que conversavam sobre a promessa de se martirizar, Saturnino confessava que queria ser lançado a todo tipo de bestas, a fim de portar a mui gloriosa coroa. 3. Assim, no início do espetáculo, ele e Revocato, depois de lutar com um leopardo, foram assolados sobre o cadafalso também por um urso. 4. Quanto a Sático, embora nenhum outro animal lhe causasse mais medo do que este, [o mártir] acreditava

⁹⁵ *delicata*. Embora pertencente ao vocabulário erótico latino (e.g. Cic. *N. D.* i.xl.111), talvez mais profícua aqui seja sua acepção enquanto índice de um servo cuja predileção por parte do amo não obrigatoriamente se daria sob o aspecto carnal. Neste sentido, Orelli (1828, p. 490) é bastante taxativo em sua seleta de inscrições que contém o termo: “*Delicatorum nomen in inscriptionibus obsceni amoris significationem non uidetur habere*”. No entanto, cf. Tert. *Vx.* 1.IV.4.

⁹⁶ *ad retiarium* (“ao retiário”). Trata-se do gladiador cujas principais armas eram a rede (*rete*) – daí seu nome –, um tridente (*fuscina* ou *tridens*) e uma adaga longa (*pugio*). De resto, distinguia-se dos demais combatentes por não usar capacete, grevas ou escudo. Para outros detalhes, vide Ewigleben & Köhne (2000, p. 59-61).

⁹⁷ Vale dizer, o mártirio, conforme entendido pelos primeiros cristãos.

⁹⁸ Nas palavras de Amat (1996, p. 251): “Les cultes de Saturne et de Cérès étaient particulièrement répandus en Afrique; ces divinités étaient assimilées aux anciennes divinités carthaginoises Baal [Hammon] et Tanit, elle-même assimilée à Isis ou à la *Dea Caelestis*, comme chez Apulée. Les prêtres de Saturne portaient des manteaux rouges [...]; les prêtresses de Cérès étaient vêtues de blanc et portaient au front des bandelettes sacrées. [...]. Ce déguisement voulait manifestement représenter un sacrifice aux deux divinités africaines invoquées ‘pour le salut des empereurs’. On peut noter également que d’après la loi des XII tables, les enchanteurs devaient être dévoués à Cérès. On a pu soutenir qu’une telle cérémonie renouait avec les sacrifices humains offerts à Baal”.

⁹⁹ No original, uma fileira de *uenatores*, isto é, combatentes que, à maneira de uma caça, lutavam contra animais selvagens durante os jogos.

¹⁰⁰ Em outras palavras, o “sofrimento mimético” (*mimetic suffering*), sobre o qual discorre Moss (2010, p. 20): “Patient endurance and righteous suffering became part of a set of Christly moral virtues that early Christians were exhorted to emulate. Suffering as Christological imitation was not just a passive interpretative move; it was an active practice to which Christians were constantly encouraged”.

¹⁰¹ Jo 16.24.

que seria morto por uma única mordida do leopardo. 5. Sendo, porém, entregue a um javali, foi o gladiador¹⁰² que o prendera à besta – e não ele – que seria traspassado pelo animal, vindo a morrer alguns dias depois. Sátiro foi apenas arrastado. 6. Enfim, preso na plataforma¹⁰³ à espera do urso, este não quis sair da jaula. E assim, Sátiro foi retirado ileso pela segunda vez.

XX

1. Às jovens, porém, o Diabo preparou uma ferocíssima vaca – algo em desacordo com o costume¹⁰⁴ –, fazendo coincidir o sexo da besta com o das mulheres. 2. Foram levadas à frente despidas e cobertas com redes. O povo estremeceu diante de ambas: a primeira, uma jovem graciosa; a outra, há pouco grávida, os seios ainda lactantes. 3. Chamadas então de volta, vestiram-nas com túnicas¹⁰⁵. Perpétua foi a primeira a ser golpeada, caindo de costas. 4. Ao sentar-se, puxou a túnica, rasgada na lateral, para cobrir a coxa, pensando mais em sua honra do que na dor. 5. Em seguida, procurou por um alfinete¹⁰⁶ e prendeu os cabelos desgrehados: não era decoroso a uma mártir padecer de cabelos despenteados, para que não aparentasse sofrer em meio à glória. 6. Levantou-se então e, quando viu Felicidade prostrada, foi até ela, estendeu-lhe a mão e a ergueu. 7. Juntas colocaram-se de pé uma ao lado da outra. Assim, venceram a rudeza do povo e foram chamadas de volta à *Porta Sanavivaria*¹⁰⁷. 8. Lá Perpétua foi amparada por um catecúmeno chamado Rústico¹⁰⁸, que se pôs a seu lado. Como que arrancada do sono – tal era seu estado de arrebatamento e estupor –, começou a olhar em volta, dizendo para o espanto de todos: “Quando seremos levadas à [feroz] vaca?”. 9. Ao ouvir que aquilo já ocorrera, apenas acreditou quando examinou as marcas de violência no corpo e na roupa. 10. Em seguida, dirigiu-se ao irmão, que fora chamado, bem como ao catecúmeno, dizendo: “Permaneçam firmes na fé e amem-se uns aos outros!¹⁰⁹ Não titubeiem¹¹⁰ ante nosso martírio!”.

¹⁰² *uenator*. Vide n. 99.

¹⁰³ *in ponte* [lit. “na ponte”]. Sobre o artefato, escrevem Ewigleben & Köhne (2000, p. 61): “The names of the platform (*pons*, ‘bridge’) and of the gladiators who fought on it (*pontiarii*) suggest that it was sometimes constructed above water. There were already basins of water in some arenas, and in others a small-scale version could be improvised with the aid of wooden tubs”.

¹⁰⁴ O costume, presume-se, seria expô-las a um touro. Neste sentido, Shaw (1993, p. 7) observa o caráter degradante por detrás do expediente: “The choice of the animal was unusual, but was a deliberate one on the part of the authorities: they wished to mock the sex of the condemned women by using one of their own, a wild cow, to destroy them. The significance of the choice is made clear only if we understand the normal message imparted to crowds and to the condemned by the use of the usual wild beast, the bull, in this type of punishment [e.g. Euseb. *Hist. Eccl.* 5.1.53-56]: it signalled utter sexual dishonor, usually the display of the woman as a known adulteress. Full exposure of the female to the bull by entirely stripping her of all clothing was merely part of the process of shaming. [...] These two aspects, sexual shaming and physical punishment, were integrally interrelated”. Entre as representações do suplício, cf. a estatueta de terracota (Louvre, CA 2613) reproduzida por Wiedemann (1995, p. 101e, fig. 7).

¹⁰⁵ *discinctis*. Vide n. 63.

¹⁰⁶ *acu*. Em Heffernan (2012, p. 122), trata-se de um acréscimo.

¹⁰⁷ Vide n. 71.

¹⁰⁸ A personagem ainda carece de identificação.

¹⁰⁹ Ou seja, o mandamento de Cristo conforme Jo 13.34 e 15.12: “Um novo preceito vos dou: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (*Præceptum nouum do vobis: Ut diligatis inuicem, sicut dilexi uos*) (13.34). Cf. 1 Jo 4.7.

¹¹⁰ *scandalizemini* (gr. σκανδαλισθῶσιν). A forma latinizada do verbo é encontrada, por exemplo, em Rm 14.21 e Mc 6.3;

XXI

1. Em outra entrada, Sátiro exortava o soldado Pudêncio, com estas palavras: “Bem como eu imaginava e cheguei a predizer, nenhuma besta ainda me tocou. Acredite de todo o coração agora. Eis que irei até lá e serei morto com uma única mordida do leopardo”. 2. E, logo ao fim do espetáculo, tal fera foi lançada contra Sátiro, e tanto sangue jorrou de uma única mordida do animal, que o povo, testemunha daquele segundo batismo, lhe teria gritado enquanto era removido: “Está de alma lavada! Está de alma lavada!”¹¹¹. 3. Em todo caso, estava de fato salva a alma de quem assim se lavasse. 4. Sátiro falou então ao soldado Pudêncio: “Adeus. Lembre-se da fé e de mim. Que estes acontecimentos não o perturbem, mas fortaleçam [a sua fé]”. 5. Ao mesmo tempo, pediu o anel que Pudêncio tinha no dedo e, colocando-o na ferida, devolveu-lhe como herança. Deixava-o como símbolo e memória de seu sangue. 6. E então, já inconsciente, foi jogado no local costumeiro¹¹², para ser degolado com os outros. 7. O povo, porém, demandava que fossem levados ao centro [da arena], para que visse com seus próprios olhos, cúmplices daquele homicídio, a espada penetrar nos corpos dos mártires.¹¹³ Espontaneamente os feridos se levantaram e dirigiram-se ao lugar desejado pelo povo. Já haviam se beijado¹¹⁴, a fim de consumir o martírio com o rito da paz. 8. Eles receberam a espada imóveis e em silêncio: em especial, Sátiro, o primeiro a subir a escada, o primeiro a entregar a vida. Ele esperava por Perpétua. 9. Para sentir um pouco da dor, Perpétua, traspassada entre os ossos, soltou um grito e guiou a vacilante destra do inexperiente gladiador até sua garganta. 10. É possível que uma mulher tão valorosa, temida pelo Espírito Imundo, não pudesse ser morta, exceto por vontade própria.

11. Ó, muitíssimo valentes e bem-aventurados mártires! Ó, verdadeiramente chamados e eleitos à glória de Nosso Senhor Jesus Cristo! Todos que a exultam, honram e veneram devem decerto ler estes exemplos não menos importantes que os mais antigos para a edificação da Igreja, para que as mais recentes mostras de coragem atestem que o Espírito Santo, uno e sempre o mesmo, ainda opera; assim como Deus, Pai Todo-Poderoso, e Seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, glorioso e de infinito poder pelos séculos dos séculos. Amém.

¹¹¹ *Saluum lotum, saluum lotum*. Irônica na passagem, trata-se da forma abreviada da expressão *saluum lotum te esse optamus* (“desejamos que você esteja bem e limpo”), achada à saída de certos banhos romanos. Para suas variantes e respectivos sítios arqueológicos, vide Russell (1974, p. 100-101).

¹¹² Presumivelmente o *spoliarium*, recinto da arena no qual os gladiadores mortos tinham seu equipamento removido. No mais, servia à execução de combatentes e condenados de modo geral: “Pensas que é mais feliz o gladiador morto no último minuto dos jogos do que o que caiu a meio do espetáculo? Achas que estes homens são tão estupidamente apegados à vida que preferam ser degolados no espoliário a sê-lo na arena?” (*Numquid feliciorem iudicas eum, qui summo die muneris, quam eum, qui medio occiditur? Numquid aliquem stulte cupidum esse uitae putas, ut iugulari in spoliario quam in arena malit?*) (Sen. *Ep.* 93.12). Tradução de J. A. Segurado e Campos (SÊNECA, 2004).

¹¹³ A atuação do público, já censurada por autores como Sêneca (*e.g. Ep.* 7.3-4), desempenha um papel ao mesmo tempo passivo e ativo, potencialmente crítico ou elogioso ao realizador dos jogos e, em consequência, aos valores por ele representados. Neste aspecto, diz Toner (2014, p. 75), ao comentar o martírio de Policarpo: “When the Christian Polycarp was martyred in the 150s in Smyrna, in the Asia Minor, the crowd was vitriolic in its contempt for him. Once the herald had announced that he was a self-confessed Christian, the whole crowd cried out with uncontrollable fury. Here was someone who sought to overthrow their gods, who had been teaching people not to sacrifice to them and not to worship them. It would have risked offending the gods not to have punished such a man severely. The prominent role the spectators played in the drama of his martyrdom is striking. They shouted out for the governor to set a lion on him. But the governor replied that this would be illegal, because the wild beast hunts were by then finished. So they demanded that he be burned alive. When the governor approved this punishment, the crowd actually went out and gathered wood for the bonfire. And when the funeral pyre had been built, the crowd surrounded Polycarp in order to nail him to it”. Vide *M. Polyc.* XII-XIII.

¹¹⁴ Cf. n. 87.

REFERÊNCIAS

- ADAMIK, Tamás. The description of Paradise in the Apocalypse of Peter. In: BREMMER, Jan N.; CZACHESZ, István (Eds.). *The Apocalypse of Peter*. Leuven: Peeters, 2003, p. 78-90.
- ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). *Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Corrigida*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009 [1898].
- _____. *Bíblia Sagrada. Nova Almeida Atualizada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017 [1959].
- AMAT, Jacqueline (Ed.). *Passion de Perpétue et de Félicité suivi des Actes*. Paris: Les Éditions du CERF, 1996.
- APRIGLIANO, Adriano. *O Descimento ao Averno. Eneida 6*. São Paulo: Syrinx, 2019.
- BLAISE, Albert. *Dictionnaire Latin-Français des auteurs chrétiens*. Turnhout: Brepols, 1954.
- BETTILOLO, Paolo *et al.* (eds.). “Ascensio Isaiae. Textus”. In: *Corpus Christianorum. Series Apocryphorum*. Vol. 7. Turnhout: Brepols, 1995.
- BRAUN, R. (Ed.). “De tempore barbarico I”. In: *Corpus Christianorum. Series Latina*. Vol. 60. Turnhout: Typographi Brepols Editores Pontificii, 1976.
- BREMMER, Jan N. Contextualizing Heaven in Third-Century North Africa. In: BOUSTAN, Ra‘anan S.; REED, Annette Yoshiko (Eds.). *Heavenly Realms and Earthly Realities in Late Antique Religions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 159-173.
- _____. Paradise from Persia, via Greece, into the *Septuagint*. In: LUTTIKHUIZEN, Gerard P. (Ed.). *Paradise Interpreted. Representations of Biblical Paradise in Judaism and Christianity*. Brill: Leiden, 1999, p.1-20.
- CADOTTE, Alain. *La romanisation des dieux: l’interpretatio romana en Afrique du Nord sous le Haut-Empire*. Leiden: Brill, 2007.
- CHARLES, R. H. *et al.* (Eds.). 2 Enoch, or the Book of the secrets of Enoch. In: *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament. Volume 2: Pseudepigrapha*. Oxford: Clarendon Press, 1913, p. 425-469.
- CICCARESE, Maria Pia. *Visioni dell’Aldilà in Occidente. Fonti, modelli, testi*. Firenze: Nardini Editore, 1987.
- CICERO. *De natura Deorum*. Trad. H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1967 [1933].
- COOGAN, Michael D. (Ed.). *The New Oxford Annotated Bible. New Revised Standard Version with The Apocrypha*. Oxford: Oxford University Press, 2010 [1973].

COOPER, Kate. A father, a daughter and a procurator: authority and resistance in the prison memoir of Perpetua of Carthage. *Gender & History*. Vol. 23, n. 3, 2011, p. 685-702.

CROSS, F. L. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford: Oxford University Press, 1997 [1957].

CURTIUS, Ernst Robert. Capítulo V. A tópica. In:_____. *Literatura latina europeia e Idade Média latina*. Trad. Teodoro Cabral & Paulo Rónai. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 121-152.

DESSAU, Hermannus (Ed.). 5725. In:_____. *Inscriptiones latinae selectae*. Vol. 2, par. 1. Berolini: Apud Weidmannos, 1902, p. 413.

DUCHESNE, Louis. En quelle langue ont été écrits les Actes des Saintes Perpétue et Félicité?. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. N. 1, p.39-54, 1891.

EHRMAN, Bart D. (Ed.) The Sheperd of Hermas. In:_____. *The Apostolic Fathers. Epistle of Barnabas, Papias and Quadratus, Epistle to Diognetus, The Sheperd of Hermas*. Cambridge: Harvard University Press, 2003, p. 161-473.

EWIGLEBEN, Cornelia; KÖHNE, Eckart (Eds.). *Gladiators and Caesars. The Power of Spectacle in Ancient Rome*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

FAIRCLOUGH, H. R.; BROWN, Seldon L. (Eds.). *Virgil's Aeneid Books I-VI*. Chicago: Benj. H. Sanborn & Co., 1919.

FARRELL, Joseph. The Canonization of Perpetua. In: BREMMER, Jan N.; FORMISANO, Marco (Eds.). *Perpetua's Passions. Multidisciplinary Approaches to the Passio Perpetuae et Felicitatis*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 300-320.

FERGUSON, Everett. *Encyclopedia of Early Christianity*. New York: Routledge, 2010.

FIGUEIREDO, Antonio Pereira de. *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina*. Lisboa: Typographia Universal, 1867.

FORMISANO, Marco (Trad.). *La Passione di Perpetua e Felicita*. Milano: BUR, 2008.

FUTRELL, Alison. 3. A Day at the Games. In:_____. *The Roman Games. A Sourcebook*. Blackwell Publishing, 2006, p. 84-119.

GOLD, Barbara K. *Perpetua. Athlete of God*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

GONZALES, Eliezer. The *Passion of Perpetua and Felicitas* as an adapted apocalypse. *Plura. Revista de estudos de religião*, vol. 4, n. 1, p. 34-61, 2013.

GRADEL, Ittai. *Emperor Worship and Roman Religion*. Oxford: Clarendon Press, 2002.

GRÉBAUT, Sylvain (Trad.). Littérature éthiopienne. Pseudo-Clémentine. Texte et traduction du traité: « La seconde venue du Christ et la resurrection de morts ». *Revue de l'Orient chrétien. Deuxième série. Tome V*. Paris: Bureaux des œuvres d'Orient, 1910, p. 198-214, 307-323, 425-439.

GRYSON, Roger (Ed.). *Biblia Sacra Vulgata*. 5. ed. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008 [1969].

HARMON, A. M. (Trad.). Anacharsis. In:_____. *Lucian*. Vol. 4. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

HEFFERNAN, Thomas J. *The Passion of Perpetua and Felicity*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HESIOD. *Theogony. Edited with Prolegomena and Commentary by M. L. West*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

HESÍODO. *Trabalhos e dias*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HILHORST, Anthony. The Apocalypse of Paul: Previous History and Afterlife. In: BREMMER, Jan N.; CZACHESZ, István (Eds.). *The Visio Pauli and the Gnostic Apocalypse of Paul*. Leuven: Peeters, 2007, p. 1-22.

HOMER. *The Odyssey*. Vol. 1. Trad. A. T. Murray. Cambridge: Harvard University Press, 1945 [1919].

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012 [1949].

_____. *The Oxford Companion to Classical Civilization*. United Kingdom: Oxford University Press, 2014.

ISIDORUS HISPALENSIS. *Isidori Hispalensis Episcopi etymologiarum siue originum libri XX*. Ed. W. M. Lindsay. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1911.

JAMES, Montague Rhodes (Ed.). Visio Pauli. In:_____. *Apocrypha Anecdota. A Collection of Thirteen Apocryphal Books and Fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1893, p. 11-42.

JONES, A. H. M. “I appeal unto Caesar”. In:_____. *Studies in Roman Government and Law*. New York: Barnes and Noble, 1968, p. 51-65.

KAYSER, C. L. (Ed.). Γυμναστικός. In:_____. *Flavii Philostrati Opera*. Vol. II. Lipsiae: In Aedibus G. B. Teubneri, 1871, p. 261-293.

KITZLER, Petr. *From Passio Perpetuae to Acta Perpetuae. Recontextualizing a Martyr Story in the Literature of the Early Church*. Trad. Josef Šrejber e Rachel Thompson. Berlin: De Gruyter, 2015.

KLEBS, Elimarus (Ed.). *Prosopographia Imperii Romani Saec. I.II.III*, par. 1. Berolini: Apud Georgium Reimerum, 1897.

KRÜGER, G. (Ed.). *Die Apologien Justins des Märtyrers*. Freiburg: J. C. B. Mohr, 1891.

KYLE, Donald G. *Spectacles of Death in Ancient Rome*. London: Routledge, 1998.

LAKE, Kirsopp (Trad.). The Martyrdom of Polycarp. In: *The Apostolic Fathers. The Sheperd of Hermas, The Martyrdom of Polycarp, Epistle to Diognetus*. Cambridge: Harvard University Press, 1965 [1913], p. 309-345.

LAMPE, G. W. H. *A Patristic Greek Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1961.

LANDFESTER, Manfred *et al.* (Eds). *Brill's New Pauly Encyclopaedia of the Ancient World. Classical Tradition*. Leiden: Brill, 2006-2010.

LE GOFF, Jacques. *La naissance du Purgatoire*. France: Gallimard, 1981.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico da Língua Portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

MARSHALL, Peter K. (Ed.). Clxxxv. Atalanta. In: HYGINUS. *Fabulae*. Lipsiae: In Aedibus K. G. Saur, 2002, p. 154-155.

McGOWAN, Andrew. 3. Food and Drink in Early Ritual Meals. In: _____ . *Ascetic Eucharistis*. Oxford: Clarendon Press, 1999, p. 89-142.

MOSS, Candida R. *The Other Christs. Imitating Jesus in Ancient Christian ideologies of martyrdom*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

MUSURILLO, Herbert. *The Acts of the Christian Martyrs*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

NIERMEYER, J. F. *Mediae latinitatis lexicon minus*. Leiden: E. J. Brill, 1976.

ORELLI, J. K. von (Ed.). *Inscriptionum latinarum selectarum amplissima collectio. Volumen primum*. Turici: Typis Orelli, Fuesslini et sociorum, 1828.

PERKINS, Judith. The Rhetoric of the Maternal Body in the *Passion of Perpetua*. In: PENNER, Todd; STICHELE, Caroline Vander (Eds.). *Mapping Gender in Ancient Religious Discourses*. Leiden: Brill, 2007, p. 313-332.

PESTHY, Monika. “Thy mercy, O Lord, is in the heavens; and thy righteousness reacheth unto the clouds”. In: BREMMER, Jan N.; CZACHESZ, István (Eds.). *The Apocalypse of Peter*. Leuven: Peeters, 2003, p. 40-51.

- PLATO. *Plato's Phaedo*. Ed. John Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1963 [1911].
- PLUMMER, Carolus (ed.). *Venerabilis Baedae Opera Historica*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1896.
- POTTHOFF, Stephen E. Rebirthing paradise in the sacred space of vision and cemetery. In:_____. *The Afterlife in Early Christian Carthage: Near-Death Experience, Ancestor Cult, and the Archaeology of Paradise*. New York: Routledge, 2017, p. 7-49.
- PRUDENTIUS, Aurelius. *Cathemerinon liber*. In: CUNNINGHAM, M. P. (Ed.). *Corpus Christianorum. Series Latina*, vol. 126. Turnhout: Brepols, 1966.
- REMIJSEN, Sofie. *The end of Greek athletics in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- RIVES, James. The piety of a persecutor. *Journal of Early Christian Studies*, vol. 4, p. 1-25, 1996.
- ROBERT, Louis. Une vision de Perpétue martyre à Carthage en 203. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, vol. 126, n. 2, p. 228-276, 1982.
- RUINART, Theodoricus (Ed.). *Acta primorum martyrum sincera et selecta*. Parisiis: Franciscus Muguet, 1689.
- RUSSELL, James. Mosaic inscriptions from the Palaestra at Anemurium. *Anatolian Studies*, vol. 24, p. 95-102, 1974.
- SABATIER, Petrus. *Bibliorum Sacrorum Latinae Versiones Antiquae, seu Vetus Italica*. Vols. 3. Parisiis: Apud Franciscum Didot, 1743-1751.
- SCAFI, Alessandro. *Mapping Paradise. A History of Heaven on Earth*. London: The British Library, 2006.
- SENECA. *Ad Lucilium epistulae morales*. Vols. I-III. Trad. Richard M. Gummere. Cambridge: Harvard University Press, 1917-1925.
- SÉNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SHAW, Brent. The Passion of Perpetua. *Past and Present*, n. 139, p. 3-45, 1993.
- SOUTER, Alexander. *A glossary of later Latin: to 600 A.D.* Oxford: University Press, 1957.
- STE. CROIX, G. E. M. de. *Christian Persecution, Martyrdom, and Orthodoxy*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

STERN, Philip D. The Origin and Significance of “The Land Flowing with Milk and Honey”. *Vetus Testamentum*, vol. 42, fasc. 4, p. 554-557, 1992.

TERTULLIANUS. De anima. In: MORESCHINI, C.; PODOLAK, P. (Eds.). *Opera dogmatica. 2b. De anima, De carnis resurrectione, Adversus Praxean*. Roma: Città Nuova, 2010.

_____. De spectaculis. In: DEKKERS, E. (Ed.). *Tertulliani Opera. Pars I: Opera catholica, Adversus Marcionem*. Turnholti: Typographi Brepols Editores Pontificii, 1954.

_____. Liber de Baptismo. In: MIGNE, J.-P. (Ed.). *Opera omnia. Patrologia Latina, I*. Parisis: Apud Garnier Fratres, 1879, cols. 1305-1334.

_____. Liber de Corona. In: MIGNE, J.-P. (Ed.). *Opera omnia. Patrologia Latina, II*. Parisis: Apud Garnier Fratres, 1879, cols. 93-122.

TERTULLIEN. *A son épouse*. Ed. Charles Munier. Paris: Les Éditions du CERF, 1980.

TONER, Jerry. Win the crowd. In: _____. *The day Commodus killed a rhino. Understanding the Roman games*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2014, p. 67-86.

TREVETT, Christine. *Montanism. Gender, authority and the New Prophecy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VILLE, Georges. *La gladiature en Occident des origins à la mort de Domitien*. Rome: École Française de Rome, 1981.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. José Victorino Barreto Feio. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WASZINK, J. H.; VAN WINDEN, J. C. M. (Eds.). *Tertullianus. De Idolatria*. Leiden: Brill, 1987.

WIEDEMANN, Thomas. *Emperors and gladiators*. London: Routledge, 1995.

WINTERBOTTOM, Michael. *Conversations in Bede's Historia Ecclesiastica*. In: DICKEY, Eleanor; CHAHOUD, Anna (Eds.). *Colloquial and Literary Latin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 419-430.

Data de envio: 16-08-2019

Data de aprovação: 26-11-2019

Data de publicação: 11-12-2019